

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
COORDENAÇÃO DE PEDAGOGIA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

SEBASTIANA FRANCISCA REIS MARTINS

ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS DE INGLÊS DA CIDADE DE
CODÓ: os recursos didáticos em foco

CODÓ-MA

2020

SEBASTIANA FRANCISCA REIS MARTINS

**ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS DE INGLÊS DA CIDADE DE
CODÓ: os recursos didáticos em foco**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à coordenação de curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão –Campus de Codó, como requisitos para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Luís Henrique Serra

CODÓ-MA

2020

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Reis Martins, Sebastiana Francisca.

ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS DE INGLÊS DA CIDADE DE CODÓ-
MA: os recursos do livro didático em foco / Sebastiana Francisca Reis Martins. -
2020.

60 f.

Orientador(a): Luis Henrique Serra.

Monografia (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal do
Maranhão, CODO, 2020.

1. Língua Inglesa. 2.Livro Didático. Escola. I. SERRA, LUIS HENRIQUE.
II. Título.

SEBASTIANA FRANCISCA REIS MARTINS

**ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS DE INGLÊS DA CIDADE DE
CODÓ: os recursos didáticos em foco**

Monografia apresentada ao curso de graduação em
Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão,
Campus VII- Codó, como requisito para obtenção de
grau em Licenciatura em Pedagogia.

Aprovada em 16 de outubro de 2020

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luís Henrique Serra– UFMA
(Orientadora)

Prof. Me. Diego Cândido Abreu -UFMA
(1ª Examinadora)

Profa. Dra. Cristiane Dias Martins da Costa - UFMA
(2ª Examinadora)

**CODÓ-MA
2020**

Primeiramente dedico meu trabalho à Deus, por ser extremamente importante na minha vida, aos meus pais, principalmente a minha mãe Maria Das Mercês pela sua garra e força que fez sempre eu manter meu foco, meus filhos Yago e Icaro, por serem minha maior razão de viver e de conquistar meus objetivos, meu esposo Francisco Araújo, à toda minha família, amigos e aos meus colegas de turmas mais próximos.

AGRADECIMENTOS

Hoje, sou muito grata por concluir o Ensino Superior em Licenciatura em Pedagogia numa das melhores Instituição Pública do Maranhão, pela Universidade Federal do Maranhão, campus Codó, meu obrigado a esta instituição. Aos meus professores pela compreensão, dedicação e desempenho dando seu melhor para formar os melhores profissionais da área, em especial ao meu orientador Luís Henrique Serra, pela sua orientação, direcionamento de materiais, ao seu grande empenho em me ajudar e auxiliar nessa construção.

Ao Programa Residência Pedagógica juntamente com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, por oportunizar minha participação, e dessa maneira, podendo me aproximar e vivenciar a realidade da educação pública da cidade de Codó, assim foi possível criar um vínculo afetivos entre eu com os alunos e professores nas escolas em que frequentei, este programa foi de grande importância para minha formação, que veio agregar a experiência de campus, para complementar meus conhecimentos já obtidos nas aulas teóricas.

Aos meus amigos de turma que não poderia deixar de agradecer, em especial, Maria de Fátima, Estela, Mirelle, Jarlene, Gleiciany, Antonia Geane, Karen, Raquel, Fabiana, Erica Queiroz, Evadson, Silvio, Maria Leia, Maria do Carmo, Joelma e Deusilene. Aos meus pais, e mais precisamente à minha mãe Maria das Mercês Gomes Reis, sou muito grata pela sua garra e por sempre está ao meu lado, me incentivando a sempre estudar mesmo não tendo condições de me oferecer de tudo, mas, que sempre lutou para não faltar o essencial, pela sua dedicação a me ajudar.

Ao meu esposo Francisco Marcio Araújo dos Santos, aos meus filhos Yago Felipe Martins dos Santos e Ícaro Levi Martins dos Santos pela compreensão em alguns momentos na trajetória de minha formação por não ter tanto tempo para acompanhá-los nas brincadeiras, e aos meus irmãos, Raquel, Albertina, Sandra, Idelvan, Sônia, Raimundo Nonato, Henrique, Evandro e não poderia esquecer de minha sobrinha Rosalina pelo esforço em me ajudar com meus filhos quando estava nas aulas da graduação.

A educação é o grande motor do desenvolvimento pessoal. É através dela que a filha de um camponês se torna médica, que o filho de um mineiro pode chegar a chefe de mina, que um filho de trabalhadores rurais pode chegar à presidência de uma grande nação.

NELSON MANDELA

RESUMO

Este trabalho é uma pesquisa exploratória e bibliográfica que busca analisar os recursos existentes no livro didático de Inglês do sexto ano das escolas públicas municipais e uma escola particular da cidade de Codó – MA e tem por objetivo analisar se esses recursos foram elaborados pensando nos alunos do sexto ano do ensino fundamental, que têm, pela primeira vez, a disciplina LEM (Língua Estrangeira Moderna) na escola. A pesquisa tem como fundamentação trabalhos de autores da Linguística Aplicada, como Leffa (2011), Rodrigues (2016), Cunha (2016), Lima (2011), Scaramucci e Gattolin, (2007) e documentos legais do ensino, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), Portal do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação- FNDE, o Programa Nacional do Livro Didático e do Material Didático – PNLD entre outros. Considerando a análise do material utilizado na presente pesquisa, os recursos analisados foram selecionados com o seguinte critério, o grau de dificuldade que os alunos teriam no ato da execução das atividades por ser a primeira vez em que tem a disciplina de língua inglesa. Concluímos que os recursos dos livros didáticos embora sejam adequados para o ensino de língua estrangeira nas escolas do Brasil, no entanto, algumas seções parecem não considerar que alguns alunos leitores desse material terão acesso à disciplina de língua inglesa pela primeira vez, o que pode ser um problema para o professor e para o desenvolvimento do aluno com a língua inglesa.

Palavras-chave: Livro didático. Língua inglesa. Escola.

ABSTRACT

This work is an exploratory and bibliographic research that seeks to analyze the resources existing in English textbook of the junior elementary school (6th grade) of municipal public and a private school in the city of Codó - MA and aims to analyze whether these resources were elaborated with the students in mind, students that will have for the first time the discipline LEM (Modern Foreign Language) at school. The research is based on works by authors from Applied Linguistics, such as Leffa (2011), Rodrigues (2016), Cunha (2016), Lima (2011), Scaramucci and Gattolin, (2007) and teaching legal documents, such as the National Base Common Curriculum (BNCC, 2018), Portal of the National Fund for Education Development - FNDE, the National Textbook and Didactic Material Program - PNLD among others. Considering the analysis of the material used in the present research, we conclude that the textbook resources, although adequate for foreign language teaching in schools in Brazil, however, some sections do not seem to consider that some students reading this material will have access to the discipline of English language for the first time, which can be a problem for the teacher and for the student's development with the English language.

Keywords: Textbook. English. School.

LISTA DE SIGLAS

BNCC- Base Nacional Comum Curricular

CNLD- Comissão Nacional do Livro Didático

FNDE- Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

INL- Instituto Nacional do Livro

L2 - Segunda Língua

LD - Livro Didático

LE - Língua Estrangeira

LEM- Língua Estrangeira Moderna

MEC - Ministério da Educação e Cultura

PNLD - Plano Nacional do Livro Didático

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
2.1 O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA NA ESCOLA BRASILEIRA: ALGUNS ASPECTOS.....	15
2.1.1 A história do ensino da língua inglesa no Brasil e seu percurso até os dias atuais: políticas de educação bilíngue	15
2.1.2 Livro didático de Inglês e o ensino de língua estrangeira: algumas questões.....	20
2.1.3 O ensino de língua inglesa no Brasil	28
2.2 O ENSINO DO VOCABULÁRIO NO LIVRO DIDÁTICO DA LÍNGUA INGLESA.....	32
2.3 UMA ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO: PASSOS METODOLÓGICOS	39
2.3.1 O livro didático de Inglês da escola: algumas análises e comentários	42
2.3.2 Comentários sobre o e-book 1.....	50
2.3.3 Books 2 – algumas sugestões	52
2.3.4 Comentários sobre o book 2.....	56
3 ALGUNS COMENTÁRIOS FINAIS.....	57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	59

1 INTRODUÇÃO

Apesar de a obrigatoriedade do ensino de língua inglesa no Brasil, o ensino e aprendizagem não tem ocorrido com frequência como deveria e da melhor maneira possível. Por conta disso foi observada a necessidade de pesquisar quais fatores são causadores dessa não aprendizagem. Com isso, surgem algumas inquietações, como por exemplo: será que o professor que ministra essa disciplina tem formação específica da área? Será se o aluno tem interesse em aprender uma língua não-materna? Será se os conteúdos do livro didático estão adequados para o aluno da escola pública, que, na maioria das vezes, só tem aulas de língua inglesa (ou outra estrangeira) pela primeira vez somente no sexto ano do ensino fundamental? A carga horária é suficiente para que ocorra essa aprendizagem? Por que na escola pública esse ensino não inicia na primeira etapa da educação infantil? E na escola privada por que o aluno não conseguiu desenvolver essas habilidades linguística em língua estrangeira (língua inglesa, foco desta investigação) se tem aulas desde a educação infantil? Na verdade, quem é o maior culpado de não acontecer essa aprendizagem, o governo por não investir no ensino em geral? O aluno por não querer aprender? Ou o professor por não usar as melhores estratégias e metodologias para despertar no aluno o interesse para a aprendizagem dessa língua? Essas e outras questões direcionam a pesquisa sobre o ensino de língua inglesa nas escolas do Brasil.

Situando-se entre as pesquisas que investigam o ensino de língua estrangeira na escola do Brasil, o presente trabalho busca analisar os recursos do livro didático do sexto ano, por ser o primeiro momento em que o aluno tem acesso a essa disciplina na escola pública e por ser o recurso pedagógico mais utilizado pelo professor dentro dos ambientes escolares.

A ideia de analisar esse material e seus recursos se deu pelo convívio com a língua inglesa que tive antes de entrar no ensino superior, tendo, desde o sexto ano do ensino fundamental, aula de língua inglesa. A questão de gostar da língua inglesa e ter curiosidade em aprender, mas não ter conseguido até entrar em um curso específico para desenvolver a comunicação nessa língua é muito recorrente entre os brasileiros. Muito embora a problemática do não-aprendizado do ensino de língua inglesa na escola tenha amplos e complexos fatores, elege

o livro didático porque ainda são poucos os trabalhos que analisam essa perspectiva, sobretudo considerando o ensino do município de Codó, no Maranhão.

Então, após ter cursado e frequentado aulas de inglês em um curso particular de línguas, sempre tive a curiosidade e o interesse em saber quais os motivos nas escolas de ensino regular o aluno não conseguiu aprender, como exemplo na minha própria trajetória escolar. É curioso observar que, em cursos particulares, nas escolas de idiomas, muitas vezes, o material didático tem a mesma estrutura do livro didático e é o mesmo professor que ministra as aulas em ambos. Entretanto, em muitos dos cursos ou escolas de idioma, é recorrente que o professor consiga trabalhar muito mais as habilidades linguísticas e comportamentais, utilizando o livro didático e seus recursos. Nesse sentido, é importante pensar: o que há na escola que a problemática do aprendizado de uma língua estrangeira não ocorra com tanta frequência?

É importante destacar que não se que, em muitas escolas públicas e particulares, o aprendizado de uma língua estrangeira ocorra, no entanto, não é a regra em muitas das escolas do Brasil.

Portanto, para entender e compreender um dos motivos dessa não aprendizagem, decidimos analisar os recursos existentes em dois livros das escolas da cidade de Codó- MA, sendo um livro das escolas públicas e um de uma escola particular, o Book1 (livro didático da escola pública) e o Book2 (livro didático da escola particular). Procuramos analisar algumas atividades existentes nos livros para ver o grau de dificuldade que o aluno teria ao tentar responde-las, levando em conto que é a primeira vez que terão essa disciplina, e a partir dessas atividades proponho algumas ideias para que o professor possa trabalhar o ensino do vocabulário, gramática, a escrita, a pronúncia, a compreensão, a oralidade e outros aspectos importante para a aquisição de uma segunda língua.

Dessa forma, o principal objetivo deste trabalho é problematizar o livro didático como um instrumento da aula de língua estrangeira e como ele facilita a prática do professor em sala de aula. Os recursos e atividades do livro didático serão analisados considerando um aluno de escola (pública e privada) que tem conhecimentos iniciais da língua inglesa, como é comum encontrar nas escolas brasileiras.

A pesquisa parte de uma discussão ampla sobre o ensino de língua inglesa na escola e como ele pode ser problematizado pelas pesquisas acadêmicas. A pesquisa também aponta para uma questão que é pouco discutida, sobretudo por estudos na área da educação, que é o ensino de língua estrangeira nos anos iniciais do ensino fundamental.

2.1 O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA NA ESCOLA BRASILEIRA: ALGUNS ASPECTOS

2.1.1 A história do ensino da língua inglesa no Brasil e seu percurso até os dias atuais: políticas de educação bilíngue

Até o ensino de língua inglesa no Brasil se tornar obrigatório ocorreram vários acontecimentos importantes, inclusive pelos primeiros documentos criados para assegurar os direitos à educação para a população brasileira e incluindo o ensino das línguas modernas. Segundo Lima (2008, p. 02), os primeiros contatos com a língua inglesa foi para a preparação de empregados brasileiros para o mercado de trabalho, para receber treinamentos e instruções de superiores ingleses para estabelecer e executar tarefas importantes nos grandes comércios e em próprias empresas brasileiras com serviços liderados por ingleses que entraram no Brasil por volta de 1930.

Ainda de acordo com Lima (2008, p.2), “o ensino formal da língua inglesa no Brasil se deu devido o decreto de 22 de junho de 1809, assinado pelo D. Joao VI, príncipe regente de Portugal, mandando criar uma escola de língua francesa e outra de língua inglesa”. Apesar de o ensino de não ter sido para todos, mas, portanto, foi a partir desse documento que boa parte dos cidadãos brasileiros tiveram acesso ao ensino de línguas estrangeiras, sendo estas, o inglês e francês. Muito embora o ensino da língua inglesa nas instituições públicas do Brasil tenha sido, no primeiro momento, apenas para a capacitação de profissionais brasileiros para a demanda do mercado de trabalho, e principalmente pelo e para o contato com a Inglaterra, isso marcou positivamente para os brasileiros terem acesso a novos conhecimentos com aspectos para a comunicação e as culturas de outros povos.

Ainda de acordo com a autora acima, O decreto do rei D. João VI foi somente um dos muitos documentos que foram criados e implementados para o ensino de línguas estrangeira no nosso país. Em 1937, foi criado o Colégio Pedro II no Rio de Janeiro, de grande importância para o desenvolvimento das línguas modernas, pois, em sua grade curricular, era oferecido o ensino das seguintes línguas modernas e clássicas: a língua inglesa, francesa, o grego e o latim. À época, no entanto, a ênfase era dada ao francês, por ser nesta época considerada a língua universal, e um dos requisitos para o ingresso no ensino superior. O ensino da língua inglesa, por outro lado, ainda não era obrigatório

por não haver metodologias adequadas para o ensino. Ainda segundo Lima (2008, p. 3):

A aquisição da língua inglesa visava a comunicação de empregados com superiores para receber instruções e treinamentos. Em 1937 nasceu o colégio D. Pedro II no Rio de Janeiro, que teve um papel importante para o desenvolvimento das línguas modernas. Desde a sua fundação incluída na grade curricular o ensino de língua inglesa, juntamente com a língua francesa, o latim e o grego. Nessa época a língua francesa tinha maior importância por ser considerada “língua universal” e por ser obrigatório para o ingresso em cursos superiores. O ensino de língua inglesa e francesa naquela época apresentava um grande problema, que era a falta de metodologia adequada.

Como podemos perceber, desde a primeira necessidade em se comunicar na língua inglesa no Brasil, começou a aparecer um interesse maior pelo governo naquela época para o ensino desse idioma. Desde então, são instituídas novas implementações, e, em 1889, a partir da iniciativa de Benjamin Constant, então ministro da educação, foi idealizada uma reforma para o sistema educacional, com intenção de passar de formação preparatória para o mercado de trabalho, para futuros estudos acadêmicos e científicas. E com essa nova reforma, as línguas estrangeiras passam a ser eliminadas da grade curricular educacional, e era estudada apenas por iniciativa do próprio aluno, deixando de ser obrigatória.

Assim o inglês, o alemão e o italiano foram excluídos do currículo obrigatório, assim como o estudo de literatura estrangeira. Em 1892, após o afastamento do ministro, as línguas vivas voltaram a ser obrigatórias. Em 1898 com o ministro Amaro Cavalcanti, as disciplinas humanísticas como a filosofia, o latim e o grego adquiriram grande importância. Com essa nova reforma, o inglês, o francês e o alemão passaram a ser facultativos e ter uma abordagem literária. (LIMA, 2008, p. 3).

Com tantas mudanças no ensino de línguas no nosso país, que de acordo com a Lima, (2008, p.4), foi no período do governo de Getúlio Vargas, no ano de 1930, que ocorreu mais uma delas, ocasionada pela Segunda Guerra Mundial, com a queda da Inglaterra no mercado e na economia, quando se abriu as portas para o capital americano, para investimentos econômicos no comércio exterior e na produtividade nacional. Já no ano de 1931, no comando do ministro Francisco

de Campos, foi dada maior oportunidade e ênfase nas línguas estrangeiras modernas, inclusive o idioma inglês, sendo ensinada junto com a língua materna.

E com isso, ainda na década de 30, de acordo com Lima (2008, p.4), teve início e abertura de cursos livres de língua inglesa em nosso país, locais estes, diferentes das instituições públicas de ensino regular, surgiram com o apoio da Embaixada Inglesa, em 1934, e no Rio de Janeiro nasceu a Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa. Já em São Paulo, em 1935, surgiu a primeira escola binacional com o apoio do consulado norte-americano, chamado de Instituto Universitário Brasil – Estados Unidos, onde mais a frente ficou chamado de União Cultural Brasil- Estados Unidos, e ainda na Era Vargas, pela reforma de Capanema, o ensino foi dividido em duas etapas: ginásio, com período de quatro anos e a segunda ramificado como clássico e científico com o período de três anos.

Ainda de acordo com Lima (2008, p.4), com tantas mudanças ocorridas nos documentos legais referente ao ensino de língua estrangeira em nosso país, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), dando direito universal à educação para todos, não sendo diferente, veio para amparar este ensino, tornando-se o obrigatório nas instituições públicas de ensino regular o ensino de língua modernas, e na LDB de 1996, no governo de Fernando Henrique Cardoso, é sancionada passando de 1º grau e 2º grau para ensino fundamental e médio, estabelecendo uma língua estrangeira, sendo indispensável para estas etapas de ensino, e uma segunda língua como optativa decidida por cada instituição.

Mesmo apesar da obrigatoriedade deste ensino, houve um grande problema, que seria a falta de professores qualificados e com formação na área, de materiais adequados e, metodologias, isso tanto nas escolas públicas como também nas escolas particulares. E como isso surgiu então, cursos livres e comerciais, devido a deficiência no processo de ensino e aprendizagem nos ambientes escolares.

Com a dificuldade de ensino de LE nas escolas públicas e particulares nos anos 60 começaram a surgir os cursos comerciais de diversos tipos, entre eles os institutos binacionais que priorizam a qualidade de ensino e utilizam um plano didático para o ensino de línguas estrangeiras. Os cursos franqueados que priorizam o setor comercial, investindo em propagandas e utilizando um plano didático e materiais próprios sem intervenção no conteúdo pelo professor. E por fim, as escolas independentes que são formadas por pessoas com competências própria e que não seguem a didática de um franqueador. (LIMA, 2008, p. 4).

Até aqui, um pequeno contexto do ensino de línguas modernas e o grande percurso em nosso país com muitas mudanças e implementações, e com isso, entende-se que há muito tempo já existia este ensino, mas que essa preocupação estava voltada somente para a capacitação de profissionais brasileiros, para a demanda do mercado de trabalho, e principalmente com a relação à Inglaterra. Entretanto com o passar dos anos, surge então, para a chegada do ensino oficial da disciplina de língua inglesa para população brasileira, e alguns ambientes de ensino e aprendizagem como as escolas de idiomas e cursos livres.

Apesar de, a obrigatoriedade do ensino de língua estrangeira, o ensino de língua inglesa nas escolas públicas de ensino regular do nosso país passou, durante muito tempo, despercebido, sem nenhum tipo de atenção referente ao governo, diferente das demais disciplinais obrigatória para a educação, a língua estrangeira (língua inglesa) era somente optativa, no qual, por esse motivo, o tão relaxamento por parte do governo, em não haver nenhuma política voltada para esse ensino.

E durante muitos anos, o ensino de língua inglesa passou por grandes dificuldades por não ter um programa de assistência governamental específico que acolhesse suas ideias e distribuísse material didático específico. É a partir do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2011 que esse quadro passou por melhorias, pois, desde então, esse programa foi ampliado com a inclusão da área de língua estrangeira moderna (PNLD-LEM), e o ensino de línguas, como o inglês e espanhol, passa a ganhar seu próprio livro didático, para auxiliar os professores e alunos, assim dando o apoio pedagógico na preparação das aulas, com fim no desenvolvimento das habilidades para a comunicação dos alunos.

É interessante abordar também que, antes dessa inclusão do ensino de língua estrangeira na escola pública, as pessoas que tinham acesso eram somente quem tinha condições de pagar uma escola particular de idiomas, ou cursinhos básicos para conhecer e aprender esse idioma.

Após a inclusão dessa área nas escolas públicas, o ensino de língua inglesa tem ganhando melhor atenção referentes à procedimentos pedagógicos, como a legislação e produção de recursos pedagógicos para o ensino dessa

língua nas escolas de ensino regular. Nesse sentido, tem sido possível observar que, desde 2011, esse ensino recebeu apoio por parte do ministério da educação na execução de procedimentos para a produção e aquisição do livro didático de língua estrangeira, dentro dessas está a língua inglesa. A partir disso, a comunidade escolar pode ter acesso e direito de receber materiais para usar durante o processo de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, Lima (2011, p.125) comenta que:

O PNLD 2011 foi concebido com a preocupação de assegurar ao aluno de escola pública no Brasil o direito de aprender o inglês ou espanhol, com qualidade, ao longo dos quatro anos do ensino fundamental. Essa qualidade traduz – se no desenvolvimento efetivo das habilidades de ler, ouvir, falar e escrever na língua estrangeira, com diferentes práticas de letramento. As habilidades orais, que têm sido negligenciadas, são conferidas, pelo edital, o mesmo *status* atribuídos as demais. Nessa perspectiva, há um avanço, pois, exige-se que o livro proponha um trabalho mais amplo que aquele tradicionalmente voltado apenas para a leitura.

Diante disso, pode se entender que com o acesso ao livro didático tanto pelo professor quanto aos alunos, esse material é de extrema importância para o desenvolvimento das habilidades de comunicação dos alunos, planejamento e execução dos conteúdos na sala de aula pelo professor, mas, mesmo com o uso do livro didático na sala de aula, a alguns alunos não conseguiu aprender esse idioma, isso por alguns motivos relevantes, um deles é a falta de conhecimento de vocabulário na língua-alvo pelo alunos, isso por muitas vezes o professor focar somente em termos gramáticas. Segundo Lima, (2011, p. 124):

O LD [livro didático] é importante, pois, muitas vezes, define o conteúdo do ano letivo, o planejamento das aulas. As propostas de avaliação e os métodos e técnicas de ensino a serem utilizados pelo professor. Assim sendo, a definição de padrões de qualidade para o LD de língua estrangeira e a aplicação de critérios condizentes com esses padrões na seleção dos livros a serem distribuídos pelo MEC, contribui para a garantia das qualidades do que efetivamente acontece na sala de aula.

Geralmente os capítulos dos livros didático de Inglês, são organizados estudo gramaticas, textos, vocabulário, e por últimas atividades. Considerando

que o capítulo dos vocabulários é o que toma maior espaço em livros de iniciação do ensino de língua estrangeira, focaremos, neste estudo nesse aspecto. Primeiro, iremos tratar um pouco sobre a questão do livro didático no ensino de língua estrangeira nas escolas brasileiras, depois do aprendizado de vocabulário de uma língua estrangeira nesse mesmo livro.

2.1.2 Livro Didático de Inglês e o Ensino de Língua Estrangeira: Algumas Questões

Nesta seção, iremos descrever alguns pontos relevantes ao ensino de língua estrangeira (inglês), e seus respectivos aspectos com relação aos recursos didáticos, que são encontrados no livro didático. Apresentaremos um breve contexto sobre a implementação de documentos legais, ao surgimento do livro didático no Brasil, o livro didático de Inglês, o ensino de língua inglesa nas escolas regulares do país, à prática docente. Material este que serve como auxílio pedagógico para melhor execução do trabalho do professor e para desenvolver com maior significância as habilidades e competências desses alunos.

O livro didático é um recurso importante e mais utilizado pelos professores, tanto das escolas públicas quanto privadas na educação básica. Esse material serve de apoio desde o planejamento das aulas até a ministração do conteúdo e isso faz com que seja necessária uma abordagem ou a análise de seu papel nas aulas de língua estrangeira no Brasil, sobretudo nas escolas públicas, em que geralmente é o único recurso.

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) é responsável pela distribuição de exemplares de livro didático para alunos da rede pública, passando por uma rigorosa avaliação sobre sua análise e potencial de ensino, para então as obras chegarem aos ambientes escolares. Nesse sentido, Jardim (2010) explica que o PNLD não está restrito apenas à distribuição dos exemplares, mas, também executa e classifica os livros de acordo com critérios técnicos específicos, considerando a necessidades de cada disciplina.

Em um primeiro momento, o livro didático no Brasil se instituiu ainda no Estado Novo, por volta de 1937, pelo Ministério da Educação, no qual nesse período foi criado o Instituto Nacional do Livro (INL), por artifício do Decreto-Lei

nº93, 21/12/1937. E logo após em 1938, foi criada a Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD), por meio do Decreto Lei 1.006 de 30/12/1938, com intuito de ajudar na escolha de um bom livro didático. Como afirma Cassiano (2007, p.19):

A relação oficial entre o Estado e livro didático, na perspectiva de uma história recente, foi instituída no Estado Novo, pelo Ministério da Educação, com a criação do Instituto Nacional do Livro (INL), por meio do Decreto-Lei nº93, de 21/12/1937. Posteriormente em 1938, pelo Decreto Lei nº 1.006, de 30/12/1938, foi criada a Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD) ...dispor sobre as condições de produção, importação e utilização do livro didático.

Com base na afirmação da autora acima, percebe-se que há muito tempo foi criado o primeiro programa referente ao livro didático em geral, e que houve a criação de comissão para a escolha e análise dos exemplares produzidos para serem encaminhados à escola, visto que essa comissão nesse período era constituída por pessoas escolhidas por conter maior preparo pedagógico.

O uso do livro didático no ensino no Brasil teve início desde a Legislação Informativa em 1985, tornando obrigatório pelo Decreto-Lei 91542/1985, no qual tem se estendido até os dias atuais a distribuição do livro didático, custeado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) com vinculação do Ministério da Educação e Cultura (MEC) Bittercouth (2011) afirma que:

No Brasil, a partir de 1997, com a implementação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), cujo objetivo tem sido fornecer livros escolares a todos os alunos das escolas públicas, política esta que permanece e se expande para outras áreas do ensino, como para a educação de Jovens e Adultos (EJA), as análises sobre esse material se ampliaram, assim como se torna tema polêmico pela mídia, envolvendo editores, autores e autoridades educacionais (BITTERCOUTH, 2011, p.504-505).

Entretanto, nesse período (década de 90 até os dias atuais), ocorreram diversas modificações no programa referente à participação do governo dos estados e à configuração do Livro Didático: a compra, a distribuição, a seleção do exemplar, os recursos federais para este programa e as ações de planejamento com relação a todo o processo de aquisição do livro didático. Como elucida o documento:

Resolução 15/2018 - Dispõe sobre as normas de conduta no âmbito da execução do PNLD Decreto nº 9.099/2017 – Dispõe sobre o PNLD.

Resolução 42/2012 - Dispõe sobre o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) para a educação básica.

Resolução 02/2011 - Sistematização e consolidação do modelo de verificação de qualidade e cálculo de multas por não conformidades físicas de materiais didáticos, a serem aplicados nos contratos administrativos de execução dos programas e projetos educacionais, contratados pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação e dá outras providências.

Resolução 40/2011 - Dispõe sobre o Programa Nacional do Livro Didático do Campo (PNLD Campo) para as escolas do campo.
Resolução 51/2009 - Dispõe sobre o Programa Nacional do Livro Didático para Educação de Jovens e Adultos (PNLD EJA).
Resolução nº 15/2018 - Dispõe sobre as normas de conduta no âmbito da execução do PNLD.

Portaria Normativa MEC 7/2007 (Alterada) - Dispõe sobre as normas de conduta no âmbito da execução dos Programas do Livro. Institui a Comissão Especial de Apuração de Normas de Conduta. (BRASIL/ FNDE, 2020, p.5).

Percebe-se que essas mudanças perpassam a simples produção desse material, fazendo com que seja almejado os objetivos do programa com relação à distribuição, à qualidade, à seleção dos exemplares, à editora, aos autores, e para assim, chegar nos ambientes escolares um material de qualidade e que supre as necessidades ligadas à realidade dos alunos, de cada região e suas peculiaridades.

Diante disso, é necessário que ocorra essas etapas de seleção, pois, por meio delas, pode se apontar erros na produção dos livros, e assim, dando seguimento para possíveis correções e adaptações necessárias às editoras e aos autores, para melhorias do material para fins avaliativos, buscando sempre elaborar dentro dos critérios do MEC, para então, chegar ao real material, dando continuidade até o alcance dos alunos. Entretanto, vale ressaltar que a segunda etapa da seleção vem dos professores e diretores que, participam da seleção desses recursos pelo *Guia do livro didático*, pois, é neste momento que eles têm a oportunidade de analisar e apontar insatisfações para a adequação dos conteúdos dentro da grade curricular, PPP (Plano Político Pedagógico) e suas expectativas. Assim, Jardim afirma que:

A partir de 1996, portanto, teve início essa avaliação oficial pedagógica e metodológica, que se tornou etapa obrigatória do PNLD (...). Ainda no âmbito deste Programa, as obras aprovadas de acordo com os critérios e requisitos desejados pela equipe de avaliação são submetidas ao julgamento dos professores e diretores das escolas públicas que trabalharão com os livros didáticos por meio do **Guia de Livros Didáticos** (JARDIM, 2011, p. 44-45).

Portanto, segundo o Portal do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação- FNDE, o Programa Nacional do Livro Didático e do Material Didático – PNLD:

Compreende como um conjunto de ações voltadas para a distribuição de obras didáticas, pedagógicas e literárias, entre outros materiais de apoio à prática educativa, destinados aos alunos e professores das escolas públicas de educação básica do País(...)constituindo-se em um dos principais instrumentos de apoio ao processo de ensino-aprendizagem nas Escolas beneficiadas. (BRASIL/ FNDE,2020).

Dessa maneira, custear o trabalho pedagógico, por meio da distribuição de coleções de livros didáticos aos alunos da educação básica isso, também para seleção dos livros adequados de acordo com os critérios de cada disciplina, para que haja uma melhor desenvoltura do professor durante a ministração da aula, o planejamento e as metodologias para execução dos conteúdos referente à disciplina.

Já quanto ao desenvolvimento do aluno, a partir da utilização do livro didático e seus recursos, torna-se uma ferramenta fundamental para que ocorra uma aprendizagem significativa, desde que o professor use o livro com metodologias diversificadas com o foco no desenvolvimento da comunicação oral e escrita dos alunos com referência à disciplina estudada.

É por meio, desse processo de avaliação e seleção desse recurso que as editoras e autores dos livros buscam e seguem as exigências do MEC e do PNLD, objetivando alcançar padrões de qualidade do material. Dessa maneira, entende-se que produzir somente para garantir a licitação e a produção não significa que esta produção é de qualidade, assim, como salienta Jardim (2011, p.48). O autor comenta, a esse propósito, que além da elaboração do livro, o programa também passa a “(...) investigar como os agentes fundamentais

envolvidos nesta tarefa (o autor, o editor e o designer) empregam o que é estipulado pelo edital do PNLD”.

O livro didático foi criado para complementar as lacunas dos conhecimentos que os professores já possuem, diante disso, o programa PNLD torna-se positivo com relação ao professor e aluno, pois favorece e auxilia os professores para uma melhor prontidão durante a ministração das aulas, pela utilização dos exemplares, aponta-se, também, que é o recurso mais utilizado pelos professores durante atuação no ambiente escolar em todas as disciplinas, e refere-se aos alunos como um material base para a construção dos seus conhecimentos, auxiliando no desenvolvimentos das habilidades no ambiente escolar.

Do mesmo modo, no ensino de língua estrangeira, o livro didático tem um papel preponderante. No ensino de língua inglesa, por exemplo, o livro didático é muito importante para o desenvolvimento de habilidades linguísticas, pois, hoje, na verdade é o mais utilizado como apoio didático na sala de aula, pelos alunos e professores. Nesse tipo de aula, técnicas como repetição, leitura e escrita, além da fala são elementos essenciais do aprendizado. Fora isso, por meio do livro didático, os discentes têm acesso aos conteúdos e às atividades relacionadas com o contexto e as culturas do idioma estudado. Como ressalta os autores:

Dentre os vários materiais disponíveis para o ensino e aprendizagem de línguas, o livro didático tem um status especial dentro do conjunto maior de materiais produzidos para o uso pedagógico. Sua importância no ensino e na aprendizagem de línguas estrangeiras, mais especificamente de inglês, tem feito com que em alguns contextos o livro didático seja o currículo em si a ser ministrado, ditando conteúdo e atividades, e até mesmas maneiras de avaliar (SILVA; PARREIRA; FERNANDES, 2015, p.356).

Segundo os autores, o livro didático de inglês tem um papel fundamental por ser o principal material utilizado pedagogicamente pelos professores das áreas de línguas estrangeiras no ambiente educacional e no cotidiano, fazendo dessa maneira com que ocorra uma atenção maior, referente à escolha desse exemplar no processo de seleção e aprovação, para assim, chegar ao alcance dos alunos e professores um material de qualidade. Ainda de acordo com os

autores, “(...) avaliar um livro didático de línguas estrangeiras é uma tarefa que requer atenção, pois esse tem sido é, e parece que ainda será, o principal material a que docentes e discentes recorrem dentro ou fora da sala de aula no cotidiano escolar” (SILVA, PARREIRA, FERNANDES, 2015, p.356).

Nesse sentido, nem sempre determinada edição do livro que está na escola está pronta e acabada ou é ideal para os alunos, pois, muita das vezes, o material por já está ao alcance dos alunos pode dá a entender que é o melhor e é o desejado para o professor ou que automaticamente será bom para o aluno. Pode acontecer, e isso é muito frequente, o material é desinteressante e sem propostas que desenvolvam as habilidades comunicativas deles. Silva, Parreira e Fernandes (2015, p.361), afirmam, nesse sentido, que “Muitas vezes, o uso de um livro didático considerado interessante ou atraente pelo docente pode não se mostrar como tal para os estudantes, e igual em diferentes contextos, e não acontecerá como foi idealizado no momento das avaliações”.

Com isso, é importante lembrar que “O livro didático deve conter o que o professor considera importante à sua prática pedagógica e o que o aluno considera indispensável ao desenvolvimento de sua competência comunicativa no idioma estudado (SILVA, PARREIRA, FERNANDES, 2015, p.371), sem esses aspectos, ele se torna obsoleto em sala de aula.

Para que esse material atraia a atenção e interesse dos educandos, acreditamos que é necessário que haja uma seleção não somente por um único docente, já que sabemos que geralmente o professor de língua estrangeira é solitário e único naquela determina escola. Desse modo, existe a necessidades de mais professores da área no momento da seleção para que haja uma discussão para a melhor escolha do exemplar, levando também em conta o lado dos educandos para alcançar e desenvolver as competências comunicativas deles, com referências aos aspectos e características dos conteúdos, itens e recursos pedagógicos inseridos no livro de línguas mais respectivamente de línguas estrangeiras. Ainda de acordo com Silva, Parreira e Fernandes (2015, p. 366), “Ideal seria se em cada contexto houvesse mais de um docente de língua estrangeira para que haja discussão, mas sabemos que em muitos lugares e ambientes escolares o professor de língua estrangeira é um agente solitário”.

Isso ocorre porque, na maioria das vezes, existe um único professor de língua estrangeira para ministrar aula em todos as séries do ensino fundamental

em determinada escola, essa é a realidade em que se encontra o ensino de LE (Língua Estrangeira) na escola pública de nosso país. É sabido que um dos principais objetivos do ensino de língua estrangeira é fazer com que o indivíduo consiga e tenha o domínio da língua para a comunicação, usando as habilidades e competências desenvolvidas durante as aulas de inglês, isso também, ocorre principalmente tendo como apoio didático os livros e os recursos contidos nele de qualidade em termos pedagógicos.

Desde 2011, o ensino de língua estrangeira passa a ser um dos componentes curriculares Língua Estrangeira Moderna (PNLD- LEM) nas escolas públicas do país, com esse componente nas escolas, os professores e alunos passam a ter direito de receber como apoio o livro didático e seus recursos gratuitamente, como o CD de áudio para, desse modo, possibilitar maior autonomia e melhor aprendizagem dos alunos, tornando, assim diferente do PNLD em alguns aspectos. Nesse sentido, Sarmiento comenta:

Diferente do PNLD de outras áreas, o PNLD-LEM oferece livros de caráter consumível aos alunos. Isso significa que os exemplares são repostos todos os anos e não entregues aos alunos para que eles possam completar os exercícios e fazer anotações no próprio livro. Diferentemente dos consumíveis, os livros reutilizáveis devem ser devolvidos no final do ano letivo, para que outros alunos possam utilizá-los nos anos seguintes (SARMENTO, 2016, p.21).

Apesar da distribuição do livro didático para o ensino de língua estrangeira, durante muitos anos, não existia o livro didático para esse ensino e quando surgiu, não havia suficiente para todos os alunos, e os exemplares distribuídos não tinham recursos de áudio para se trabalhar a compreensão, o *listening* (o ouvir), além disso, os alunos, no final do ano letivo, sempre tinham que devolver o material à escola para futuros novos alunos utilizá-los. Apesar de ser algo positivo por já haver a distribuição, um grande problema também é que o livro selecionado pelo professor para trabalhar na sala de aula tem a validade de três anos, pois são três anos com o mesmo livro, então, por isso, que são necessários mais professores de língua estrangeira no ato da avaliação e escolha dos livros, para assim serem selecionados apenas o que melhor se adequa ao seu contexto da comunidade escolar, pois um novo exemplar ou de outra coleção só poderá ser obtido com o término do triênio.

Apesar da existência do livro didático de inglês, há um ponto negativo referente à quantidade de exemplares para cada escola, como por exemplo, para determinada escola os exemplares são enviados, de acordo com o último Senso Educacional, a grande maioria dos exemplares que chegam não são suficientes para a quantidade de alunos matriculados na escola, e o professor tende a distribuir o livro em duplas ou trios para que todos possam ter acesso a ele e seus recursos. De qualquer modo, é importante atentar para as vantagens em ter o livro didático como apoio pedagógico para os professor e fonte de conhecimento para os alunos, geralmente, os livros são ricos em recursos e ideias para a sala de aula e nos fornecem vários elementos, a exemplo dos listados por Sarmiento:

1) Estrutura *sillabus*, 2) são fontes de texto e tarefas prontas; 3) oferecem uma variedade de recursos para alunos e professores como: áudio, vídeos, manual do professor e alunos; 4) são fonte de diferentes modelos linguísticos para professores e alunos; 5) auxiliam na formação dos professores, especialmente iniciantes; 6) são visualmente atraentes; 7) apresentam-se como material para revisão e registro do que foi trabalhado; 8) reduzem o tempo de preparação de aulas, entre outras. (SARMENTO, 2016, p.27).

Então, pode e é possível afirmar que o uso do livro didático de Inglês tem mais vantagens do que desvantagens para professores e alunos durante as aulas, por isso, é algo muito importante a atuação e participação dos professores de língua na avaliação preliminar das coleções, assim como afirma ainda Sarmiento (2016, p.26), “com uma escolha ajustada a cada contexto pode se garantir acesso a um material adequado do ponto de vista didático-pedagógico que poderá contribuir para alcançar melhores resultados de aprendizagem em sua sala de aula”, por isso, o papel do professor é de extrema importância durante a seleção dos exemplares, pois, ele é o principal e responsável pela sua sala de aula, e conhece o contexto da comunidade escolar em que trabalha e de seus educandos, uma vez que esse material e seus recursos serão utilizados por eles durante todo o ano letivo.

Com a inclusão do componente curricular [Língua Estrangeira Moderna] LEM no PNLD houve, enfim uma equiparação das línguas estrangeiras aos outros componentes curriculares que já contavam com um [Livro Didático] LD há vários anos. Vamos,

assim, aproveitar a oportunidade de ter um material que pode facilitar o nosso trabalho como docentes e enriquecer o processo de aprendizagem do aluno, fazendo uso deste recurso da melhor forma possível (SARMENTO, 2016, p.29, grifos nosso).

Dessa maneira, a inclusão da LEM no PNLD, ajudou na elaboração de um material mais moderno e que vem acompanhado de recursos didáticos para que o professor possa trabalhar com metodologias e estratégias diversificadas usando o livro didático de língua inglesa, tornando dessa maneira, um facilitador para o desenvolvimento das capacidades e habilidades dos alunos durante a ministração das aulas, e também como um auxiliador para o planejamento das aulas, por requerer menos tempo em sua preparação. Mas, quando o professor optar pelo uso do livro didático de língua estrangeira, o primeiro passo para se trabalhar com ele e seus recursos é conhecer bem o material para se familiarizar antecipadamente para então, saber o que planejar, quais estrangeiras e metodologias de ensino usar para que alcance suas próprias e as expectativas dos alunos referentes a disciplina de inglês, fazendo assim, um processo prazeroso por ambos as partes (professor e aluno).

2.1.3 O Ensino de Língua Inglesa no Brasil

Na atualidade, a língua inglesa é de suma importância para os indivíduos na comunicação com o mundo, isso devido ser o idioma dos negócios na maioria dos continentes da Terra. Diante disso, todos os países do mundo organizam-se para atender a necessidade do conhecimento da língua inglesa, o que fez com que houvesse a ministração de aulas de língua inglesa inclusive em escolas de ensino regular de nosso país.

Atualmente, a capacidade de falar outras línguas é muito importante para o indivíduo contemporâneo no mundo globalizado em que vivemos, sobretudo porque a língua inglesa é o principal idioma falado nos cinco continentes, sendo ela a língua da conexão e comunicação com todo o mundo, permitindo com que o indivíduo desenvolva habilidades e competências referentes a língua materna e o idioma estudado. Partindo desse pressuposto, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018) ressalta que a língua inglesa proporciona aos

indivíduos novas maneiras de interação social, novos conhecimentos, estudos da cultura, etnias de outros países.

Dessa maneira, o principal objetivo da escola, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino de Língua Estrangeira (BRASIL, 1998), é

Aumentar o conhecimento sobre linguagem que o aluno construiu sobre sua língua materna, por meio de comparações com a língua estrangeira em vários níveis; possibilitar que o aluno, ao se envolver nos processos de construir significados nessa língua, se constitui em um ser discursivo em uso de uma língua estrangeira (BRASILIA,1998, p.28).

Portanto, o ensino de língua estrangeira propicia ao indivíduo o complemento de conhecimentos relacionado a sua língua materna, e assim a aquisição de habilidades linguísticas, promovendo uma apreciação de culturas e valores de outros países para entender também a própria cultura.

Apesar da relação do desenvolvimento da língua materna quando se está aprendendo uma língua estrangeira, esse ensino, ainda está voltado para a preparação do indivíduo para o mercado de trabalho. Nesse sentido, Rosa (2003, p. 72) comenta que o ensino de língua inglesa no Brasil tem um fim mais trabalhista do que de formação humana, sobretudo porque, em nossa sociedade: “Saber inglês em tempos de mundialização do capital é uma questão de que tem um respaldo histórico(...)”.

Diante disso, já é de nosso conhecimento em que o ensino de língua estrangeira, hoje nomeada como língua estrangeira moderna ocorre em sala de aula, no qual esse espaço deve ser utilizado para possibilitar aos alunos momentos de interação com língua inglesa. Apesar de o inglês ensinado nas escolas particulares de idiomas está voltado para o mercado de trabalho, nas escolas de ensino regular, esse ensino permanece fragmentado e sem perspectivas para a formação humana.

Então, para que o aprendizado ocorra, é necessário que o professor ministrante das aulas de inglês seja formado na área, tenha real conhecimento da língua que está sendo ensinada, e do material que será utilizado durante o ano letivo. Dessa maneira, conhecer bem o material que irá trabalhar durante o

ano letivo é fundamental para dominar os conteúdos e utilizar a melhor metodologia para seja alcançado a aprendizagem desses alunos.

Á vista disso, alguns aspectos relacionados ao ensino da língua estrangeira no Brasil e nas escolas públicas do país são relevantes, como as competências específicas de língua inglesa para ensino fundamental como aponta a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018, p.246):

Identificar o lugar de si e o do outro em um mundo plurilíngue e multicultural, refletindo, criticamente, sobre como a aprendizagem da língua inglesa contribui para a inserção dos sujeitos no mundo globalizado, inclusive no que concerne ao mundo do trabalho(...).

Identificar similaridades e diferenças entre a língua inglês e a língua materna/outras línguas, articulando-as a aspectos sociais, culturais e indenitários, em uma relação intrínseca entre língua, cultura e identidade(...) (BNCC, 2018, p. 246).

Dessa forma, entende-se, que o ensino da língua estrangeira também é dever da escola, principal responsável para que haja o ensino e essa aprendizagem. Nesse sentido, o poder executivo é o responsável pela estrutura do ambiente escolar, pelos materiais e pelos livros didáticos, pelos profissionais da educação e inclusive professores, portanto, não tem sido bem assim, muitos ambientes escolares não têm uma estrutura adequada para que haja uma aprendizagem significativa, outras não têm materiais ou mesmos professores com a formação específica na área em que ministra as aulas, como é o caso do ensino de inglês.

Com relação a esse último ponto, Leffa (2011, p.21, grifo original) comenta que, “Há déficit muito grande de professores, provavelmente em todas as disciplinas, mas é no caso da LE [Língua Estrangeira] que o fracasso fica mais visível”. Faz parte da realidade do ensino de língua inglesa no Brasil, muitas vezes, professor sem a formação adequada ministram aulas de língua inglesa para completar a carga horária de trabalho, sem pelo menos conhecer o idioma que está sendo ensinado.

Por conta de situações como essa, existem grandes dificuldades por parte também do professor com formação específica na língua estrangeira para ensinar essa disciplina e fazer acontecer com sucesso a aprendizagem, mas,

muitas das vezes, o próprio aluno não tem interesse em aprender outra língua, como ainda aponta Leffa (2011, p. 23-24):

Há alunos que parecem não perceber que a escola tem como função precípua o desenvolvimento do saber. Alguns até conseguem ver nela uma instituição que outorga o conhecimento, dando um diploma de conclusão, e estudam apenas para passar de ano e conseguir esse diploma, mas, não conseguem ir além.

Outra questão importante é que não somente a falta de interesse em aprender um outro idioma, mas, também, existe uma falta de investimento do governo, apesar de existirem os documentos vigentes aos direitos e deveres dos cidadãos referentes ao acesso à educação digna e de qualidades, mesmo tendo todos esses planos educacionais e documentos oficiais brasileiro que direcionam o ensino da LE(Língua Estrangeira), o governo não arca como deveria para que haja o desenvolvimento e aprendizagem desses alunos nas escolas públicas, na disciplina de línguas estrangeira e também, com as demais disciplina escolares. Nesse sentido, Lima (2011, p.18) comenta também que “Com as leis que estriguem o acesso a língua estrangeira na escola pública, não dando as condições mínimas para uma aprendizagem, seja pela carga horaria escassa, pela falta de materiais para o aluno...isso é responsabilidade do governo”.

Constata-se que o ensino da língua estrangeira está perdendo cada vez mais a importância por parte do governo, no qual não se tem nem se quer condições mínimas para que ocorra uma aprendizagem significativa, isso por que falta investimento na educação não somente na área linguística, mas, na educação em geral, valorização dos professores e respeito aos alunos e os demais que frequentam as escolas em busca de um e futuro melhor e realidades diferentes.

2.2 O ENSINO DO VOCABULÁRIO NO LIVRO DIDÁTICO DA LÍNGUA INGLESA

O ensino do vocabulário na disciplina de Línguas Estrangeira tem sido muito importante para o desenvolvimento das habilidades comunicativas dos indivíduos e à produção da oralidade aos que estudam e com grande ligação à língua materna, principalmente das escolas de ensino regular, como a pública e a particular, fazendo parte também as mais específicas como as de idiomas e de ensino superior na área linguísticas. Na grande maioria das vezes, o primeiro acesso a essa disciplina e ao vocabulário de língua estrangeira ocorre no 6º ano do ensino fundamental, e durante este ensino, eles devem conhecer e aprender os significados das palavras estudadas da língua-alvo, no caso a de língua inglesa.

Apesar de o vocabulário fazer parte do estudo para se aprender a Língua Inglesa e que todo professor sabe da importância desse aspecto da língua para que o aluno consiga se comunicar efetivamente nesse idioma, muitos estudos e pesquisa referentes a essa temática nos mostram que essa não tem sido trabalhada pelos professores e nem tem sido aprendido com sucesso pelos alunos em todos os sentidos e em todos os ambientes de aprendizagem que podemos encontrar no nosso país. Isso ocorre com maior destaque nas escolas de educação básica, havendo a necessidade de uma sistematização do léxico nas aulas de LE para que aconteça essa aprendizagem. Continuando nesse raciocínio Scaramucci (2007, p.7) afirmam que:

A importância da sistematização do léxico nas aulas de LE já é reconhecida por grande parte dos profissionais da área. Como operacionalizar essa sistematização, sem incorrer nos mesmos erros do passado, porém continua sendo uma incógnita, cuja descoberta depende do (re)conhecimento de qual seja a natureza do vocabulário.

Apesar de sistematizar o léxico, nos livros didáticos de inglês, é fácil perceber que o estudo do vocabulário, anos finais do ensino fundamental, não tem sido devidamente trabalhado em todas escolas, e quando ocorre, o professor não tem pensado e analisado nas diversas situações do cotidiano dos alunos, pois, para que ocorra uma aprendizagem bem-sucedida nesse aspecto, o professor deve analisar os inúmeros contextos que pode se aplicar

determinadas palavras, tudo isso é importante por existir vários significados para uma só palavra e escritas parecidas entre si, e que durante o ensino do vocabulário pode-se trabalhar outras estruturas importantes da língua-alvo. Nesse sentido, Rodrigues, (2007, p. 20) comentam que “há a necessidade de se trabalhar melhor o vocabulário para o uso produtivo, ou seja, para o desenvolvimento da oralidade, na medida em que o vocabulário é ensinado”.

Dessa forma, para que haja um bom início na língua inglesa, o trabalho com o vocabulário precisa ser sistemático e objetivo, no sentido de fazer com que o aluno conheça a organização lexical da língua-alvo. Dessa forma, durante a conversação nas aulas de inglês nas escolas, é necessário que seja trabalhado em foco o estudo do vocabulário, pois se o aluno aprende os significados, o sinônimo e outras características e das palavras que ali é ensinado na língua estudada, poderá, na hora do diálogo, saber quais palavras devem ser colocadas nas condições e situações em que está dialogando, Mas, o que vemos acontecer é que o professor opta geralmente em focar no ensino gramatical, não que não seja importante estudar a gramática, mas sim deve-se acabar com a negligência com um e dar foco ao outro, ou seja, negligenciar o trabalho com o vocabulário e dar ênfase a favor somente à gramática.

Outro ponto interessante para comentar sobre as aulas de inglês e no ensino do vocabulário, é que o aluno costuma fazer uma lista das palavras estudadas no vocabulário, onde de um lado são escritas as palavras em inglês, do outro a tradução delas. A grande maioria dos alunos geralmente só estuda e tenta memorizar as palavras da lista em véspera de provas e testes, não focando na aprendizagem durante os demais dias, e tornar-se um estudo cansativo e problemático por muitas vezes serem palavras descontextualizadas. Sobre isso, Rodrigues (2007, p.22) explicam que:

As listas consistem no agrupamento, de um lado, de palavras em inglês e, de outro, das traduções em português. Para estudá-las, os alunos passam a repeti-las à exaustão, até memorizá-las (...), um grande problema nessas listas, entretanto, é a falta de contextualização das palavras.

Ou seja, de acordo com os autores citados acima, a simples memorização dessas palavras não é suficiente para o desenvolvimento de competência comunicativa em uma língua estrangeira, em outras palavras, embora o

vocabulário seja um ponto importante para o aprendizado de um a língua estrangeira, o foco único e exclusivo nele também é um problema.

Como já sabemos, o ensino de vocabulário nas aulas de inglês nas escolas da educação básica é extremamente importante para o desenvolvimento da oralidade dentro e fora da sala de aula. No entanto, apesar dessa importância, esse ensino tem permanecido segmentado, por ser abordado pelos princípios da abordagem tradicional, pois, como mencionamos anteriormente, Isso ocorre quando o professor fica preso ao conteúdo do livro didático. Como podemos ver segundo os autores:

Outra característica marcante de todos os contextos, e que também tem um efeito muito forte no ensino do vocabulário, é o fato de as professoras ficarem “pressas” ao conteúdo do livro didático. Isso faz com que o ensino de vocabulário seja realizado da maneira indicada pelo livro que pode não ser a mais adequada ao contexto com o qual se está trabalhando. (Rodrigues, 2007, p. 27).

Há diversos fatores negativos que fazem com que não ocorra a aprendizagem do vocabulário da língua inglesa nas aulas de ensino regular, um deles é a falta de estratégias de ensino para abordar o vocabulário na sala de aula, a carga horária de pouca duração, a falta de contextualização das palavras do vocabulário, no qual, o professor explica sem ao menos tentar entender em qual situação o aluno pretende usar a palavra, não levando em consideração que nas línguas de um modo geral há mais de um significado para a maioria das palavras.

A despeito disso, esses professores que atuam no ensino de língua inglesa do ensino regular consideram importante o ensino do vocabulário para a produção da oralidade comunicativa da língua inglesa, mas focam mais nas estruturas gramáticas. Nessa situação, a autor Rodrigues, (2007, 33) nos mostram que “o professor que acredita que o ensino de vocabulário é um aspecto realmente importante no processo de aprendizagem de línguas deveria pensar em qual seria a melhor estratégia para explicar determinada palavra”.

A carga horária do ensino de língua inglesa no ensino fundamental da educação básica geralmente é de uma hora e meia de aula semanal, mostrando a quase exclusão desse componente curricular na escola, principalmente porque nos anos iniciais na escola pública, não tem língua inglesa deixando uma

importante lacuna, pois, os alunos chegam ao 1º ano do ensino médio com pouco conhecimento da língua inglesa e principalmente do vocabulário, sendo que o ambiente escolar é um dos espaços mais propícios para desenvolver as habilidades comunicativas e fazer com que ocorra a interação dos alunos com relação a língua estudada. Nesse sentido, Cunha (2016, p.70) comenta que:

Em muitas escolas, as aulas de língua inglesa moderna ocorrem em sala de aula. Utilizar-se desse espaço para propiciar aos alunos momentos de interação nessa língua torna-se imprescindível quando o objetivo é ensinar para/na comunicação (...). Na sala de aula, ocorrem inúmeras interações sociais por meio da linguagem, seja oral ou escrita.

Desse modo, é sempre importante pensar que a escola pode ser um local propício para que haja a aprendizagem de outro idioma, como a língua inglesa, pois, durante a ministração da aula, podem existir inúmeras interações sociais entre professor e aluno, entre aluno e aluno, entre ambos os que estão naquele ambiente de aprendizagem. Mesmo com todas as dificuldades, o professor não tem que medir esforços para tentar desenvolver as habilidades comunicativas e competências dos alunos, usando estratégias de ensino, metodologias e recursos diversificados para que essa aprendizagem ocorra com sucesso. Nesse sentido, o vocabulário é um ponto importante.

Com relação ao ensino do vocabulário, durante a aula, pode-se trabalhar tudo da língua inglesa, o professor pode abordar as palavras do vocabulário, as expressões, as estruturas gramaticais, entre outros aspectos da língua inglesa. com as diversas ferramentas e maneiras que o professor tem para que desperte a atenção e o interesse dos alunos, mesmo não conhecendo totalmente ou não sendo proficiente na língua inglesa, conforme explica Cunha (2016, p.72-73), “Caso o docente tenha dúvida em relação à pronuncia dessas expressões pode pedir ajuda a uma falante nativo ou proficiente no idioma ou mesmo utilizar-se de ferramentas online, o Google Translate e Text-to-speech”, podendo ser usado no telefone pessoal como aplicativo para auxiliar na pesquisa de significados, sinônimos e pronúncias durante e fora da sala de aula. O ensino de vocabulário, nesse sentido, tem a internet e demais tecnologias como um excelente aliado.

Há muitas maneiras para que o professor proporcione uma aprendizagem que dê sentido aquilo que estar sendo ensinado aos alunos. Nas aulas de língua

estrangeira e no ensino do seu vocabulário, o docente pode usar a língua desde o início da aula, como por exemplo, escrever na lousa a data, como o dia, mês e ano, realizar atividades em grupos ou em pares, músicas na língua alvo para compreensão e estudo do vocabulário, das expressões, tempos verbais e os demais aspectos dessa língua, motivando sempre os alunos à tentar falar na língua que está sendo estudada, no caso de dúvida pedir auxílio do professor, e sempre que ser preciso o professor tende explicar na própria língua-alvo, em outras palavras, é necessário envolver o aluno na língua que ele está aprendendo, sem ter medo de que ele não possa entender. Nesse sentido, Cunha (2016, p.77) afirma que “Quando professores e alunos se esforçam para interagir no idioma estrangeira, ele vai, aos poucos se ‘desestrangeirizando’. É preciso promover a comunicação em inglês na escola, criando uma comunidade de aprendizagem e prática desse idioma”.

Outro elemento do cotidiano escolar que pode levar o ensino de língua ao não sucesso na aprendizagem da língua inglesa e seu vocabulário nas escolas de ensino regular e nos demais ambientes de aprendizagem desse idioma é a falta de conhecimento das estratégias de aprendizagem pelos alunos e estudantes dessa língua, conforme explica Rodrigues (2016, p.84):

O desconhecimento, por parte dos alunos, das estratégias de aprendizagem faz com que eles não consigam empregar, de maneira consciente e autônomo, as estratégias disponíveis durante o estudo. Isso faz com muitos tenham dificuldade de aprendizagem por se limitarem ao uso de uma única estratégia que, na maioria das vezes, é tradução das palavras da língua estrangeira para o português.

Da mesma maneira em que a aprendizagem não ocorre devido à falta de estratégias por parte do professor ao ensinar o vocabulário, os estudantes também devem conhecer e saber os tipos de estratégias que existem para ajudá-los no desenvolvimento das habilidades para a aprendizagem da língua inglesa, ou seja, o estudante também precisa conhecer modos adequados de aprendizado de um idioma estrangeiro. Sabido que o processo de aprendizagem do vocabulário não é automático e que quando o aluno tem apenas uma estratégia, como a tradução para a aprendizagem do idioma, se torna limitante e dificultosa essa aprendizagem, por ficar preso em uma única estratégia.

Portanto, há uma diversidade de estratégias referente à língua inglesa e ao ensino de vocabulário que podem ser utilizadas para que o aluno consiga usá-las como auxílio durante o processo de aprendizagem desse idioma, mas para conhecê-las, o professor é a pessoa mais indicada para expor essas estratégias, como comenta ainda Rodrigues (2016, p. 85), “Além das estratégias de ensino utilizadas pelo professor, é válido ressaltar a importância das estratégias de aprendizagem dos alunos ao abordar o vocabulário. Essa conscientização sobre o processo de aprender vocabulário auxilia o aluno a se tornar um aprendiz autônomo e com maiores chances de sucesso”.

Mas, mesmo com as estratégias de ensino e aprendizagem do vocabulário da língua inglesa em alcance dos alunos, o professor precisa observar e se em todas as aulas eles utilizam apenas uma das estratégias e sempre as mesmas palavras. Se, sim fazer com que o aluno se aproprie das outras estratégias de aprendizagem e de palavras novas, pois, é por meio dessas novas estratégias, palavras que se aprender e aumentar o vocabulário. O livro didático é um importante instrumento nessa etapa do ensino e do aprendizado. No entanto, é importante destacar que mesmo com novas palavras estudadas, o professor tem sempre que buscar lembrar junto ao aluno as palavras já estudadas nas aulas anteriores. Nesse sentido, Rodrigues (2016, p. 88) explica que, “apenas com a utilização constante das palavras o aluno terá acesso rápido a elas na memória de vocabulário produtivo para uso em sua comunicação oral”.

Portanto, para a produção da oralidade durante a aprendizagem do vocabulário, é necessário que o docente tente fazer com que o aluno se sinta confortável para tentar produzir a oralidade sem medo ter em mente o conceito de certo ou errado. Para trabalhar a produtividade, é interessante por um lado, que o uso e produção de um caderno de vocabulário para adicionar novas, lembrar e revisar as mesmas, podendo ser colocada, por exemplo, significados contextualizados, sinônimos, tradução ou desenhos para representar cada uma delas. O livro didático, nesse sentido, é um importante aliado, uma vez que é configurado com uma dezena de ilustrações, textos e elementos que colaboram para a compreensão das palavras e para o aprendizado delas.

Como já sabemos, o estudo de vocabulário é aprender e, na grande maioria das vezes, memorizar os significados das palavras, mas, para que haja

uma aprendizagem bem-sucedida, o professor deve deixar a tendência tradicionalista e tentar usar de modo adequado o livro didático, buscando casar seu uso com outros recursos como jogos, músicas, recursos visuais, desenhos, vídeos, voltados para o vocabulário estudado, trazendo sempre uma contextualização, passando confiança aos alunos para a produção oral na sala de aula. Dessa maneira será um processo que fluirá bem, tornando prazeroso e frutífero para todos.

2.3 UMA ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO: PASSOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa foi planejada para ser tanto bibliográfica como de campo. Mas, devido a pandemia em que o mundo ficou envolto ao longo do ano de 2020, não foi possível realizar a pesquisa de campo ou presencial, muito embora houve o início de algumas observações de aulas ministradas por um educador do sexto ano do ensino fundamental em uma escola particular da cidade de Codó.

A presente pesquisa bibliográfica com cunho qualitativa, busca analisar os recursos didáticos do livro didático de inglês do 6º ano do ensino fundamental II das escolas de ensino pública do município de Codó e em um particular, no processo de ensino e aprendizagem da Língua Inglesa, como LE. Paiva (2019, p.60, grifo nosso) define que:

A pesquisa bibliográfica é um tipo secundário [de pesquisa] porque utiliza estudos já publicados em livros e artigos acadêmicos, além de informações encontradas em relatórios, podcats, páginas na web, blogs, vídeos, bancos de dado, apresentações digitais, gravações de palestras, folhetos etc. Mas ela vai além da mera busca de informações e não é uma simples compilação dos resultados dessas buscas. Apesar de não trazer nenhum conhecimento novo, o pesquisador deve resumir essas informações, avaliando-as, relacionando-se de forma coesa e crítica, adicionado explicações, sempre que necessário.

Diante disso, pode-se afirmar que toda e qualquer pesquisa acadêmica é pesquisa bibliográfica, pois, mesmo na pesquisa de campo, o pesquisador necessita utilizar dados, informações e realizar revisão literária para fomentar, fortalecer e fundamentar seus estudos, fazendo referências a outros estudos produzidos a partir de diferentes perspectivas e em diferentes lugares e instituições.

Com isso, para a realização dessa pesquisa necessitou-se de um levantamento bibliográfico, como: documentos, sites, artigos e livros com o tema do estudo que está sendo desenvolvido neste estudo.

Portanto, primeiramente a ideia de analisar os recursos do livro didático de inglês do sexto ano tem como objetivo entender e compreender como vem ocorrendo o ensino de língua inglesa na escola pública e em uma privada de

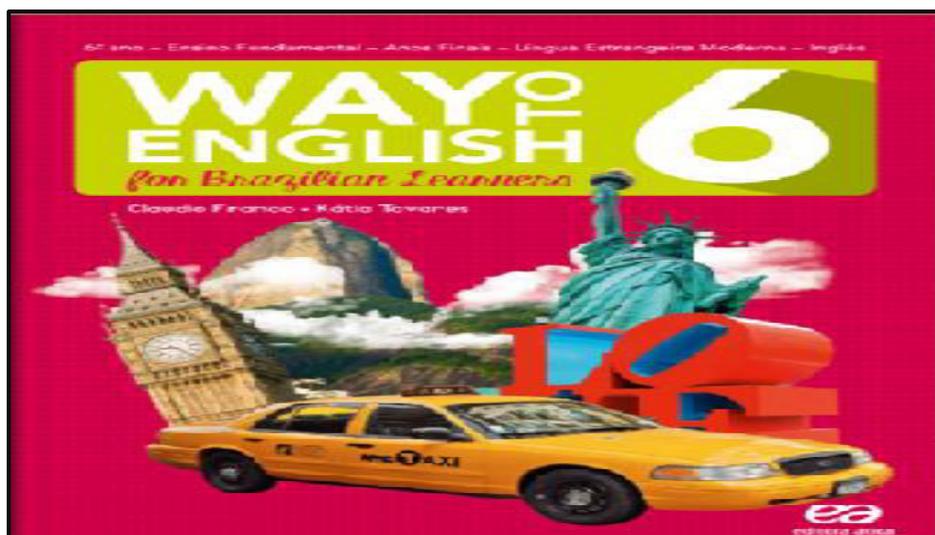
ensino regular da cidade de Codó, no qual, “ as escolas particulares utilizam livros distintos uma das outras”, e como vem sendo o uso desses recursos didáticos que podemos encontrar no livro, e mais precisamente no sexto ano, que pela primeira vez esses alunos têm contato com essa disciplina.

Para que a pesquisa ocorra, o primeiro procedimento para realizar a pesquisa foi um levantamento de documentos referentes ao tema; após esse levantamento, deu –se início à procura de quais escolas e os livros que seriam utilizados durante o ano letivo, para que pudesse observar as aulas de língua estrangeira (língua inglesa) tanto na pública quanto na escola particular escolhida. Diante disso, os livros analisados serão o *Way to English for Brazilian Learning*, da Editora Ática (da escola pública), que, para distinguir do outro livro, será chamado de book1¹; o book2² é denominado *Inglês* da Editora Formando Cidadãos (da escola particular). A partir do qual, surgiram algumas questões sobre quais recursos existem nestes livros, como: Será se estes recursos foram elaborados para os alunos que terão pela primeira vez a disciplina de Inglês na escola pública? E na escola particular? Os leitores desses livros conseguem aprender esse idioma com a ajuda desses recursos? Então, para melhor análise, serão descritas a estrutura e organização de cada livro e seus respectivos capítulos.

O book1 está dividido em oito seções: cada seção está dividida em oito subseções, com os seguintes temas: Warming Up (aquecimento), Reading (leitura), Vocabulary Study (estudo de vocabulário), Taking it Further (indo além), Language in Use (linguagem em uso), Listening and Speaking (ouvir e falar), Writing (escrita), Look Ahead (olhar para o futuro). Em seguida temos a apresentação da capa do livro dos recursos analisados da escola pública:

¹ Livro Didático de Inglês do 6º ano do Ensino Fundamental – Way to English for Brazilian Learners, 2017.

² Livro Didático de Inglês do 6º ano do Ensino Fundamental – Inglês Ensino Fundamental II, 2016.



O book2 está estruturada da seguinte maneira: uma unidade de revisão, dez unidades regulares e unidade de bônus, contendo – vocabulário, no qual, as seções são compostas por: Text (texto), Bank of Words (banca de palavras), Project (projeto de estudo), grammar (gramática), Text Comprehension (compreensão do texto), Let's Exercise (vamos exercitar). Na sequência temos a apresentação da capa do livro dos recursos analisados da escola particular:



A presente análise será feita em capítulos que versem sobre o vocabulário, por ser esse o componente inicial do aprendizado em língua estrangeira e ele ser um aspecto fundamental para o aprendizado de uma língua não-materna.

2.3.1 O livro didático de Inglês da escola: algumas análises e comentários

A partir deste ponto, nós buscaremos analisar e propor algumas ideias que possam ampliar no processo de ensino e aprendizagem da língua inglesa a partir das atividades encontradas nos livros que estão sendo utilizados no ano letivo de 2019 das escolas de ensino regular da cidade de Codó. É importante destacar que o uso do livro didático não é garantia que sejam alcançadas todas as competências esperadas, mas a presença e o uso adequado do livro didático aumentam as chances de os alunos desenvolverem competência e habilidades linguísticas, assim como o letramento na língua-alvo, uma vez que as atividades proposta, em última análise, servem para colaborar com o professor na sua prática em sala de aula. Desse modo, neste trabalho, o livro didático da aula de língua inglesa é considerado como um facilitador no desenvolvimento das quatro habilidades ((*lesing, reading, writing e speaking*)), e competências linguísticas, tão almejadas pela sociedade e pelos iniciantes na aprendizagem da língua-alvo.

Para início, começaremos com o book1 - *Way to English for Brazilian Learning* –. O book1 o livro didático do aluno da escola pública e é constituído a partir de algumas seções e atividades didáticas voltadas para a sala de aula. Nossa análise buscará identificar no livro ideias como formas facilitadoras na execução dessas atividades para que os alunos consigam aprender e compreender o idioma estudado, e assim, tornar mais fácil a compreensão e o desenvolvimento das quatro habilidades da comunicação na língua Inglesa. A análise não busca averiguar integralmente o livro, mas algumas atividades que ilustram a ideia geral do livro, além de comentários e sugestões que poderiam ser aplicadas em sala de aula. A análise sempre considera que não existe um livro cem por cento ideal, mas busca aspectos da estrutura do livro didático que poderiam ser aproveitados pelo professor e que mostram uma proposta de ensino considerando a realidade das escolas públicas e privadas no Brasil.

Para melhor entender o critério utilizado para a escolhas das atividades foram levados em consideração o grau de dificuldade que os alunos teriam ao tentar responder as questões expostas nos livros, para aqueles que só tiveram acesso a essa disciplina o sexto ano do ensino fundamental.

A título de exemplo, no book1, a primeira atividade que ilustra a ideia deste estudo e que gostaríamos de destacar é a seguinte:

Figura 01: Primeira atividade da Unidade 01.

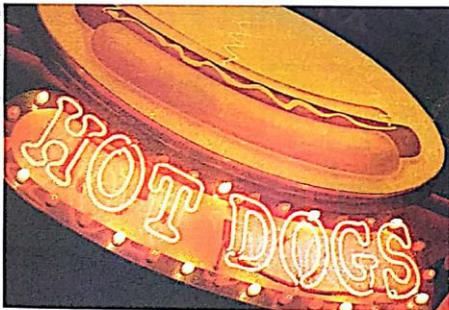
Tips *into* Practice

Esta seção apresenta estratégias de aprendizagem e de leitura que vão ajudar você a se sentir mais confiante para realizar as atividades propostas ao longo do livro.

tip
A
Observe o inglês o sua volta e veja o que você já sabe devido a presença do idioma no seu dia a dia.

1 Observe as imagens abaixo e responda:

- a. Onde você pode encontrar os itens mostrados nas imagens?
.....
- b. Qual deve ser o significado das palavras/expressões em inglês?
.....
- c. Quais palavras nas imagens não costumam ser substituídas por um termo equivalente em português?
.....








Fonte: Way to English for Brazilian Learners, 2017.

Cumpramos destacar que, para aprendermos um novo idioma, temos que conhecer o som das letras do alfabeto, então um dos primeiros conteúdos que um professor de língua estrangeira pode expor aos alunos é o alfabeto para que o aluno conheça o som de cada letra no idioma que está sendo aprendido, já que no livro não expõe o estudo do alfabeto no idioma estudado, essa apresentação seria a primeira sugestão para ser abordado para esse aluno.

Após isso, dá continuidade aos outros aspectos da língua inglesa e principalmente na construção e estudo de vocabulário de cada aula. Portanto, nessa atividade, sugerimos que o professor crie, juntamente com os alunos, um vocabulário das palavras que estão sendo estudadas, como *hot dog*, *ready*, *light*, *sale*, *ketchup* entre outras que se encontra nas imagens, ou palavras associadas ao contexto do aluno, como a palavra *ketchup* e as palavras que surgirem durante a aula, que poderão ser trazidas e sugeridas pelos próprios alunos, já que no capítulo não existe nada referente ao vocabulário, apesar de que, no final do livro, está disponível um pequeno exemplar de um dicionário bilíngue Inglês-português, embora o glossário seja extremamente resumido e que não é possível encontrar todas as palavras e significados existentes nos conteúdos e atividades do livro. A partir dessa atividade, o professor vai trabalhar a escrita e principalmente o vocabulário, que é essencial para aprendizes de iniciantes de uma língua não-materna. E, com relação à pronúncia, aprenderam o som de cada letra, para após a junção das sílabas leitura das palavras trabalhadas. É importante notar que a atividade traz vocábulos que são muito comuns no cotidiano do comércio no Brasil e, por isso, é mais propício ao aprendizado. A atividade, em português, é uma espécie de introdução do aluno que dá seus primeiros passos na língua inglesa.

Esse tipo de atividade colabora para mostrar ao aluno que a língua inglesa, mais do que uma matéria da escola, mostra que a língua está em muitas partes do nosso cotidiano e saber os significados das palavras dessa língua sempre se mostra relevante. Outro aspecto importante é que esse tipo de atividade também colabora para que esse aluno compreenda como a língua inglesa tem ampliado a sua participação no nosso cotidiano. O professor poderá, nesse sentido, fazer uma roda de conversa, instigando os alunos sobre o conhecimento deles na língua inglesa e mostrar como eles sabem língua inglesa, mesmo não tendo participado de um curso ou feito aulas anteriormente, quando for o caso, visto que a língua inglesa está em diferentes contextos do nosso cotidiano e, por isso mesmo, algumas palavras em inglês são conhecidas por eles.

Seguiremos à próxima atividade que foi analisada por nós:

Figura 02: Continuação da atividade 01.

3 Em 2013, *selfie* foi considerada uma palavra internacional e passou a constar em dicionários. Leia a tirinha abaixo e tente explicar, com suas próprias palavras, o significado da palavra *selfie*. Em sua opinião, será que Jon conseguiu tirar uma *selfie*?

Available at: <<http://garfield.com/comic/2014-01-26>>. Accessed in: July 2014.

Tips into Practice 9

Fonte: Way to English for Brazilian Learners, 2017.

Na terceira questão, o livro sugere uma explicação sobre a palavra *selfie* na tirinha, levando em consideração o ponto de vista do próprio aluno, para explicar o que significa a palavra *selfie*. Nessa questão, sugerimos que o professor peça que o aluno explique com suas próprias palavras o significado, e, em seguida, dê continuidade ao vocabulário usando palavras associadas a esta, para contextualiza-las, como por exemplo: *smartphone*, *print*, *flash*, e palavras para a construção de frases, para não ficar o ensino de palavras soltas sem dá sentido ao que está sendo aprendido, trabalhando também a pronúncia dessas palavras. É importante que a discussão de como as palavras mudam com o passar do tempo, de acordo com a necessidade prática dos falantes e

isso ocorre com todas as línguas. É importante que o professor traga exemplos do português e do inglês.

Apesar do tempo curto para a disciplina de língua estrangeira, o professor tende a planejar cada passo que será dado durante a aula, para dar sequência a todos os aspectos importantes para a aquisição da aprendizagem desse idioma, levando para o aluno palavras do seu cotidiano, buscando sempre envolver toda a turma, para que ocorra uma aprendizagem significativa e desejadas por eles, tornando assim, um processo de ensino e aprendizagem prazeroso tanto pelos alunos quanto pelo professor sem deixar nenhum de lado. Nesse sentido, destacamos a opinião de Paiva (2009, p. 33), quando ela escreve que:

.... o aprendiz de uma língua estrangeira, quando motivado, usa essa língua para fazer alguma coisa fora da sala de aula: ouvir programas de rádio e tv, compreender falas em filmes, brincar com jogos eletrônicos, e, em alguns poucos casos, interagir com estrangeiros. Mas, isso, raramente, acontece na escola. A sala de aula, geralmente, não oferece atividades de uso da língua, mas apenas exercícios sobre determinados itens gramaticais onde a língua é tratada de forma artificial ou, ainda, a tradução de textos escolhidos pelo professor e que nem sempre são de interesse do aluno. As frases soltas em exercícios do tipo “passe para a negativa ou passe para o plural” não constituem enunciados na vida real, como o famoso “ *the book n the table*” ou “ *The cat is under the table*”.

Como já havíamos comentado em algumas passagens desta pesquisa, o professor não é o único e principal responsável pelo fracasso na aprendizagem da língua inglesa. Mas o educador é uma das peças fundamentais para que ocorra essa aprendizagem, isso se buscar envolver e motivar seus alunos a desenvolver as habilidades e competências para a comunicação nessa língua, dando sentido à vida desse mais novo aprendiz, e não somente reproduzir o que o livro indica como conjuntos de normas estruturais da gramática, ir muito além disso. Usar os conhecimentos prévios do aluno, à exemplo da palavra *Self*, é um caminho interessante. Essa questão pode ser feita em um horário, mais uma vez, usando o diálogo e debate para que o aluno possa falar e mostrar seu conhecimento na língua inglesa que ele adquiriu espontaneamente e mostrando ainda que a realidade da língua inglesa não está tão distante quando era pensado no passado.

Seguimos com mais uma questão retirada do book 1:

A atividade da página 17, por sua vez, destaca das outras atividades, uma vez que ela exige do aluno um conhecimento avançado para iniciantes. Construções de diálogos complexos nem sempre é possível para um iniciante e esse tipo de atividade pode causar desmotivação por parte do aluno, uma vez que traz um nível com o qual o aluno não está familiarizado. Obviamente que essa observação se encaixa para um aluno que não estudou o inglês antes, que é a realidade da maioria dos alunos do ensino fundamental, anos finais. Para alguns alunos, atividades como essa são muito fáceis, mas outros poderão encontrar uma dificuldade muito grande e desmotivação, caso o professor não seja um importante motivador dos alunos.

Apesar de ter um quadro ao lado com informações para confeccionar cartazes com as frases construídas nessa questão, sugerimos que o professor aborde algumas expressões existentes na língua inglesa e o que sejam explicadas para que o aluno entenda essa característica da língua estudada, podendo escrever na lousa um vocabulário para que o aluno tenha o conhecimento de seus significados, e em seguida tente ler as frases já feitas, para assim, trabalhar as construções em inglês. Ainda para melhor desenvolver a leitura, o professor pode levar para a turma um pequeno texto impresso, com um diálogo que aborde as expressões em inglês, para que cada um leia, e assim o professor possa se familiarizar com a língua inglesa.

Uma outra forma de aplicação da atividade seria a separação da turma em dois grupos, ficando um responsável pelas saudações em português e o outro em inglês. O primeiro grupo terá que escrever uma lista no próprio idioma materno, e ao terminar, o segundo grupo terá que passar para o inglês as saudações, após, cada aluno irá ler uma expressão da lista. Com isso, o docente trabalha as habilidades de leitura, escrita, a pronúncia das palavras e seus significados. Algo bem interessante é fazer com que ele entenda e tenha conhecimento que não existe apenas um tipo de pronúncia para cada palavra, mas, a pronúncia pode variar de acordo com a nacionalidade. E, dessa maneira, sentir-se capaz de aprender. Outra dica é que o professor tente falar em inglês enquanto estiver na sala de aula, e assim busque desenvolver a habilidade de compreensão da audição em língua inglesa de seu aluno, após fazer com que a turma leia as frases individualmente, mesmo com pouco ou nenhum conhecimento dessa língua. Nessa direção, Schmitz (2009, p.16, grifos originais) explica que:

A professora pode usar seu inglês para cumprimentar a turma, dar instruções e orientações. Os alunos poderiam optar por responder em português ou em inglês. Ouvindo inglês, aos poucos, os discentes vão ganhar coragem para perguntar e comentar nessa língua. Como metodologia de ensino, ouvir inglês e ter chance de se “aventurar” em inglês soa procedentes, pois o professor não estaria “sonegando” ocasiões e oportunidades para o desenvolvimento da compreensão auditiva e de fala.

Como foi afirmado pelo autor, é de extrema importância sempre estar falando com os alunos, por meio da língua inglesa, para que assim possam ser cativados pela pronúncia, levando os alunos a querer aprender o inglês. Portanto, chamamos a atenção também, ainda acerca do desenvolvimento da habilidade de compreensão, para o fato de que houve uma ampliação do PLND em 2011, que passou a contemplar as línguas estrangeiras modernas (PNLD-LEM), no qual, o livro didático de inglês deve vir acompanhado de um CD com áudios referentes aos conteúdos e atividades do livro, para desenvolver a habilidade de audição (*listening*). Apesar, de esse aspecto ser um ponto positivo para auxiliar o professor a desenvolver essa habilidade no seu aluno, a realidade em que se encontra a situação dos alunos da escola pública, além de se tornar obsoleto nos dias atuais, pois, maioria das vezes, o aluno não possui o equipamento para usufruir desse recurso em casa, isso, por não ter nem condições financeiras para obter esse equipamento ou porque não tem o costume de abrir o livro fora da escola, então, a principal proposta é que o professor possa levar para a sala de aula um equipamento que possa projetar esses áudios para que toda a turma tenha oportunidade de ouvi-los e assim, acompanhar todo o conteúdo, sem deixar de nenhuma das suas aptidões sem desenvolver-las. O book 1 apresenta uma seção específica sobre esse ponto, conforme é possível observar na imagem que segue:

Figura 04: Quarta atividade da Unidade




Listening and Speaking

tip

Não se preocupe em entender tudo o que ouvir. Concentre-se aqui em identificar o tipo de família descrito no poema.

1 In pairs, ask a classmate the questions below and answer them. Take turns.

a. Is your family big or small? **b.** Are you an only child? **c.** Who is your family?

2 Listen to a man reciting a poem about a family. What type of family is it?

A family that likes pets.

A family that likes sports.

A family that likes technology.

96

Unit 5

Fonte: *Way to English for Brazilian Learners*, 2017.

Nessa questão, o professor poderia, dentro de suas possibilidades, usar o equipamento de áudio na sala para que toda turma ouça o áudio referente à atividade, explicando que é natural, caso os discentes não consigam ter compreensão de tudo que é falado no áudio, mas que houve um esforço como tentativa de encontrar familiaridades nas palavras que ouvem, isso é importante. Sugerimos que o professor ensine algumas estratégias de aprendizagem para que o aluno use durante o estudo dessa língua, e assim, facilitará a compreensão no desenvolvimento das quatro habilidades com relação a língua em estudo, e também, que o docente possa ler o enunciado do áudio lentamente, caso o aluno não consiga entender o que está sendo falado durante a projeção no aparelho de áudio.

2.3.2 Comentários sobre o e-book 1

Que chamou a atenção no book1, durante a análise das atividades, é que o livro na grande maioria das questões está em inglês e somente algumas estão no português, isso, para o aluno que nunca teve acesso a essa disciplina, torna-se um estudo difícil. Muito embora um livro todo em inglês possa chamar a atenção dos alunos, o aluno encontraria dificuldade para entender e responder as atividades, o que atrapalharia o aprendizado e a prática do professor, uma

vez que a maioria dos discentes não conseguiria desenvolver suas habilidades, pois, como podem responder algo se não compreendem o enunciado? Há a necessidade da mediação do professor para que ele consiga entender o que se pede na atividade, e na maior parte do livro.

Outro ponto relevante para destacar é que, no livro, algumas atividades voltadas para o aprendizado do vocabulário não têm tradução e o aluno, desse modo, só conseguiria trabalhar nessas seções se ele contar com a ajuda do professor ou de alguma colega que saiba a língua inglesa. A seção, geralmente, é constituída por um quadro com quatro a seis palavras em inglês, sem tradução ou sinônimo. Desse modo, como que o aluno conseguirá aprender e estudar o vocabulário para desenvolver as habilidades para a comunicação se a maioria dos alunos não consegue acompanhar a atividade porque não sabe a língua em que está escrita a atividade? A finalidade do livro, que, por um lado, seria colaborar com o aprendizado independente do aluno, não se concretiza.

Na verdade, para o estudo do vocabulário e dos demais aspectos da língua inglesa, o livro poderia vir estruturado da seguinte forma: os verbos, o vocabulário, as expressões e a gramática, pode até está todo em inglês, mas, que tenha na frente a tradução, significado ou sinônimo na língua materna. Pois, dessa maneira, o aluno conseguira buscar em sua memória o significado das palavras para assimilar e se comunicar usando os aspectos da língua inglesa apresentado durante a aula. Pois, com a aprendizagem do vocabulário, os discentes, de um modo geral, podem desenvolver essas quatro habilidades que necessitam para a comunicação social e com o mundo neste idioma, isso para fluir melhor no processo de ensino e aprendizagem, buscando sempre compreender língua em estudo.

Cumprir comentar que o livro adotado na escola pública, para um pressuposto leitor iniciante na língua inglesa ainda desconsidera um possível desconhecimento por parte do aluno, e isso, de certa forma, poderia atrapalhar o desempenho do docente e a prática de sala de aula. Desse modo, cabe sempre a crítica de que a realidade da sala de aula da escola brasileira, sobretudo em regiões menos assistidas, como são algumas localidades do nordeste e norte do País (entre outras regiões), são desconsideradas e isso implica diretamente no aprendizado dos alunos. A ideia é que as instituições que nutrem a escola com livros didáticos ofereçam um livro que o início do aprendizado de uma língua

adicional por parte de um adulto ou um adolescente seja considerado, sobretudo pelo início tardio do inglês na escola pública do Brasil.

2.3.3 Books 2 – algumas sugestões

O book 2, utilizado na escola particulares, é analisado neste trabalho na direcionando para a aquisição de vocabulário e habilidades ensino de língua inglesa.

Figura 05: Atividade 01 da 01 Unidade.

Text comprehension

1| According to the text:

a. Rita is _____

b. John is a soccer player.

Yes No

2| Work in pairs.

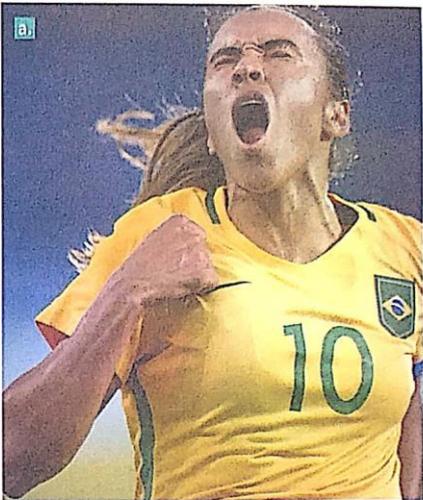
a. Hello, what is your name?

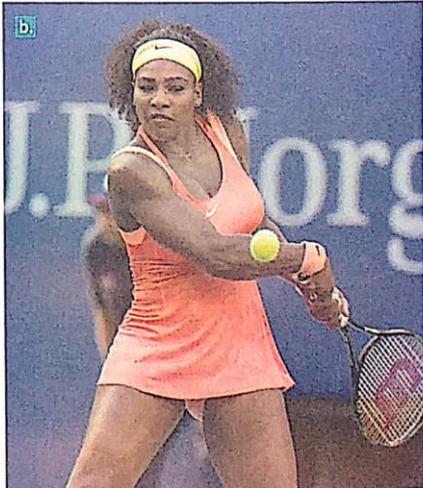
b. How are you?

c. Are you a soccer player?

d. Well, nice to meet you. Bye!

3| Match.

a.


b.


Marta.

Serena Williams.

A tennis player.

A soccer player.

Inglês - 6º ano 7

Fonte: Inglês Ensino Fundamental II, 2016.

Essa atividade refere-se à compreensão do texto abordado na página anterior do livro didático. Para essa atividade, sugerimos que o professor peça para que o aluno leia o texto para a turma, tentando envolver todos, com uma leitura individualmente, após o professor pode formar duplas e expor recorte de diálogos usando o conteúdo que foi abordado anteriormente, para que eles montem em uma cartolina, ou papel A4, até formar o texto por completo, se estiverem com muita dificuldade em relação à montagem, o professor, após um tempo, pode ler o texto para eles se atentarem e acompanhar juntamente com o professor com a leitura do texto e montá-lo. Após a montagem, fazer um vocabulário voltado para as palavras abordadas no próprio texto, e algumas sugeridas pelo aluno durante a aula que possam fazer parte de seu cotidiano, despertando o interesse para leitura de outros textos, revistas em quadrinhos entre outros que eles gostam de ler. Com isso, trabalhará a compreensão do texto, vocabulário, leitura e a audição dos seus alunos. Conforme Paiva (2009, p.35):

O professor não é responsável pela aprendizagem do aluno, mas, pode ajudá-lo a ser mais autônomo, os depoimentos dos aprendizes bem-sucedidos, em nossas narrativas de aprendizagem, revelam que eles se envolvem com a língua fora da sala de aula e alguns contam que receberam estímulos de seus professores para essas ações.

Em aulas no curso de língua inglesa, o professor, para incentivar a leitura, a audição e o estudo do vocabulário, ele deve estar disposto a apresentar músicas, mas, que provável que a turma já tenha ouvido pelo menos alguma vez. Abordar com a turma a letra da música para cantar e tencionar o desenvolvimento da oralidade, independentemente do nível de conhecimento da pronúncia das palavras. O professor poderá trabalhar as expressões, a gramática, o vocabulário, a audição e a escrita, sem, necessariamente deixar de lado o conteúdo do livro didático do próprio curso.

Essa proposta de se trabalhar a letra da música é bem interessante para despertar interesse do aluno, apesar que a maioria das escolas públicas e particulares não possuem todos os recursos necessários para o uso das diversidades de metodologias, o professor é capaz de idealizar e planejar com recursos de valor acessível para ele ou quem sabe os próprios alunos ajudarem

e planejaram esses momentos, por exemplo se a escola não tem o aparelho para usar o CD, pendrive, entre outros para projetar a música, pode levar a música impressa, pedir para que eles escolham qual música quer aprender e conhecer a letra, podendo passar a responsabilidade para a turma em produzir uma lista de músicas que eles gostariam de ouvir e cantar na sala e com o auxílio do professor estudar as pronúncias, ou o professor, podendo usar seu próprio aparelho celular e uma caixa de som para projetar a música, para que todos cantem, e aproveitar para identificar os diversos tipos de gênero textuais. Poderá fazer com que espalhem essas letras pela sala para que eles tenham contato não somente no dia das aulas de inglês, e sim todos os dias. Não resta dúvidas de que esse tipo de atividade chama a atenção do aluno, que se sente motivado para aprender. Envolve-os em decisões para sentirem capazes e colaboradores não somente na sala de aula, mas, preparando-os para a sociedade.

No sentido de ainda tentar pensar o livro didático de língua inglesa em sala de aula, sigamos para outro trecho do livro:

Figura 06: Atividade 02 da 01 Unidade

The seasons of the year

Summer
Winter
Autumn/fall
Spring

Months of the year

January	February	March
April	May	June
July	August	September
October	November	December

Bank of words

Very – Muito (demais).
Hot – Quente.
Cold – Frio.
Snows – Neva (nevar).
A lot – Muito/muitas.
A lot of – Muita(s)/muito(s).
Can – Pode (poder) fazer algo/saber fazer.

Days of the week

Sunday
Monday
Tuesday
Wednesday
Thursday
Friday
Saturday

Let's exercise

1) Write the words in the correct list.

Tuesday	Bye	January
Summer	Hello	December!
Autumn	March	Sunday
Hi	Winter	Monday

Greetings

Days

Months

Seasons

10 Inglês – 6º ano

Fonte: Inglês Ensino Fundamental II, 2016.

Algo bem intrigante neste livro e que chama muito a atenção é que para melhor aprendizagem e fixação dos vocabulários, para cada atividade que são respondidas pelo aluno, sempre vem acompanhado de um vocabulário para ser

estudado e conseqüentemente aprendido. Nesse sentido, para trabalhar o vocabulário, propomos ao professor(a) visando a fixação e a aprendizagem do vocabulário sobre as estações e mês do ano, que seja confeccionada uma caixa de palavras e figuras que caracterizem cada palavra estudada, como por exemplo: para representar o mês de fevereiro, ele pode por uma figura de carnaval ou o próprio nome do mês em inglês, como para as estações, coloque figuras do inverno, flores para primavera, folhas secas para o outono e o sol para o verão, imagens com as quais os alunos consigam contextualizar com o cotidiano dos alunos, e organizará a turma em um círculo, passando essa caixa por cada aluno, no qual, individualmente irão puxar um cartão com uma figura ou palavra, para que tentem falar na língua inglesa, e escrever na lousa qual palavra representa a figura.

O fazer pedagógico usando métodos diversificados é algo que chama muita a atenção e, na maioria das vezes, desperta o interesse no aluno, e principalmente quando se refere à criança e aos adolescentes desde que seja algo de interesse deles. Logo entenderão que o professor está inovando o modo de como ensinar, para facilitar a sua aprendizagem. Sobre esse tipo de atividade, que visa a contextualização e a inovação em sala de aula, Paiva (2009, p.32) tece o seguinte comentário:

Um bom método deveria oferecer oportunidade para o aprendiz ler textos em jornais e revistas, de preferência sobre assuntos de seu interesse, tais como: esportes, cinema, músicas, textos literários diversos, sempre de tamanho e de dificuldade adequados aos conhecimentos linguísticos dos alunos. Nas atividades escrita, deveriam ser utilizados gêneros diversos, tais como formulários, cartões (aniversários, dia das mães, dia dos pais), e-mail.

De acordo com Paiva, quando o professor usa metodologias diversificadas, e dar oportunidade para que o aluno possa dialogar, fazer leitura e escrita de diversos gêneros textuais, mostrando-os que há uma grande diversidade para se trabalhar e aprender essa língua, o aluno se sentirá importante pois, terá momento em que conseguira falar na língua inglesa, mesmos sendo devagar e aos poucos e, dessa maneira, alcançará o maior número possível de alunos no envolvimento dessas aulas. Sabemos que nem todos da turma terão o interesse em aprender um outro idioma, a não ser sua própria língua materna, mas, que o professor busque sempre envolver o máximo

deles, mostrando o real objetivo na aprendizagem da língua inglesa para a interação social com o mundo. Para Rajagopalan (2009, p.45, grifos originais),

Como professores de inglês, é nosso dever preparar os nossos alunos para serem cidadãos do mundo novo que se descortina diante dos nossos olhos e sobre o qual temos apenas uma ideia ainda muito vaga. Para atuar nesse admirável novo mundo, os nossos alunos têm de aprender a lidar com *todas* as formas de falar inglês.

Preparar o aluno para se comunicar com o mundo, esse é um dos principais objetivos que deve ser alcançado na aprendizagem da língua inglesa, é fazer com que esse aluno consiga assimilar o seu conhecimento voltado para o mundo geral e ao seu redor. Por isso, o quanto importante se aprofundar no ensino do vocabulário, por ser o aspecto principal para a construção do conhecimento com relação à aquisição de uma segunda língua.

2.3.4 Comentários sobre o book 2

O book2, diferente do outro analisado, em sua estrutura vem sempre antes de qualquer atividade para ser respondidas pelo aluno, um pequeno texto e ao lado o vocabulário das palavras usadas no próprio texto, como as expressões, substantivos, verbos entre outras classes gramaticas, isso se torna algo melhor do que o da pública, que vem praticamente todo no inglês, e sem nenhuma tradução. Mas, apesar disso, este material ainda é do tipo que não facilitaria o estudo da língua para o aluno, por que, as atividades vêm completamente no idioma inglês, no qual deveria ser na língua materna para que o aluno tivesse melhor compreensão do que está sendo ensinado e abordado pelo professor, isso, principalmente na execução das atividades feitas em casa, sem auxílio do professor, ou alguém que conheça a língua Inglesa. O e-book 2, a despeito do e-book 1, apresenta as mesmas limitações, muito embora este apresente algumas diferenças porque parece considerar que o aluno do 6º ano das escolas do Brasil, sejam públicas ou privadas, ainda precisam de muitos elementos e tempo para adquirir com profundidade uma língua estrangeira.

3 ALGUNS COMENTÁRIOS FINAIS

Como já havia falado, são muitas as atividades que necessitam de mais atenção e um olhar crítico para alcançar e desenvolver as habilidades e competências do aluno durante a aquisição e pelo menos na tentativa de se aprender a língua estrangeira (e, nesta discussão, a língua inglesa) nas instituições de ensino regular, e mais, precisamente nas escolas de ensino público.

Como foi possível observar, a proposta da pesquisa não foi comparar as duas obras, muito embora, na análise, não é possível, em alguns momentos, fazer uma comparação pontual. De qualquer modo, pensar as atividades colocadas, sugeridas nos livros didáticos das escolas públicas e particulares utilizadas em Codó colabora para termos um aspecto do ensino de língua inglesa na cidade de Codó e em outras realidades semelhantes da educação bilingue no Brasil. É conhecida por nós realidades do ensino de língua inglesa em que nem o livro didático existe e o professor precisa arcar com os próprios recursos para ministrar o mínimo de uma aula. Esse contexto e outros nos forçam a pensar em um respeito e consideração maior pelo ensino da língua estrangeira no Brasil e que muitos preconceitos possam ser desfeitos na prática e na política da escola brasileira.

Com isso, concluímos que os conteúdos e recursos didático encontrados em ambos os livros podem apresentar problemas em sua execução em uma sala de aula complexa. É importante levar em consideração que as atividades sugeridas têm um alto potencial de ser executado, no entanto, levando em consideração que esses alunos só têm o acesso a disciplina quando chegam no sexto ano do ensino fundamental, e isso mais especificamente, aos alunos da rede pública municipal tanto da cidade de Codó, como também, em algumas outras cidades do país, é importante que o professor esteja atento para essa realidade. Dessa maneira, entende-se que as políticas públicas voltadas para a escolha e confecção do livro didático de língua inglesa ainda não se concretizam quando são pensadas para ser desenvolvidas no contexto desses alunos da escola de Codó, de um modo geral, e de outras cidades brasileiras com a mesma característica e dificuldade no ensino, o que torna os livros aqui descritos um

certo grau de dificuldade e, conseqüentemente, desinteressante para os alunos de um modo geral.

Ao longo da análise, surgiram algumas inquietações referentes a este recurso, tais como: será que quem fez a escolha deste livro, realmente pensou na realidade dos alunos? Será se quem escolheu realmente analisou criteriosamente os conteúdos para principiantes dessa língua? Será que algum desses alunos participam da escolha desse material? Será que quem escolheu foi o mesmo que trabalhara com esse recurso na sala? Ficam então, essas inquietações para pensarmos em relação ao processo de ensino e aprendizagem da língua inglesa nas instituições de ensino regular.

Esses e outras questões são relevantes porque, como foi mencionado no início, o livro didático é muito importante e ele precisa estar equipado considerando as diferentes realidades que o professor de língua estrangeira pode enfrentar nas diferentes realidades do Brasil. Nesse sentido, as atividades, propostas, colocações e a foco devem considerar essa realidade. É importante, por fim, mencionar que a proposta não é facilitar ou descer o nível das atividades na língua inglesa ou outra língua estrangeira, mas sim problematizar o livro didático como um recurso didático importante na realidade da sala de aula brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Produção Didática de História: Trajetórias de Pesquisas, **Revista de História**, São Paulo, nº164, p.487-516, jan./jun 2011.

BRASIL, **Ministério da Educação Parâmetros Curriculares Nacionais**. Terceiro e Quarto Ciclo do Ensino Fundamental, Brasil, 1998.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasil, 2018.

_____. Ministério da Educação. **Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)**. 2018: Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12391:pnlid>. Acesso em: 12 fev.2020.

_____. Ministério da Educação. **Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)**. 2018: Disponível em: fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/legislação/item/9787-sobre-os-programas-do-livro.

CASSIANO, Célia Cristina de Figueiredo. **O mercado do livro didático no Brasil: da criação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) à entrada do capital internacional espanhol (1985-2007)**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.

CUNHA, Alex Garcia da. (org.). **Faça a Diferencia: Ensinar Língua Estrangeira na Educação Básica** – São Paulo: Parábola editorial, 2016.

FRANCO, Claudio. **Way to English for Brazilian Learners**. Ensino Fundamental II –São Paulo: Editora Ática, 2017.

GATTOLIN, Sandra R.B. (org.). **Pesquisa sobre vocabulário em língua estrangeira** –Campinas, SP: Mercado de letras, 2007.

JARDIM, Fernanda Maciel. **O design(er) na Produção Editorial do Livro Didático: Funções, Contribuições e Limites**. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2010.

LEFFA, Vilson J. Criação de bodes, carnavalização e cumplicidade: considerações sobre o fracasso da LE na escola Pública, in; LIMA, Diógenes Lima Candido de. (org.). **Ensino Aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas** – São Paulo: Parábola Editorial, 2009. p. 15-31.

LIMA, Diógenes Lima Candido de. (org.). **Inglês em escolas públicas não funciona?** – São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

LIMA, Diógenes Lima Candido de. (org.). **Ensino Aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas** – São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

LIMA, Gislaine P. QUEVEDO-CAMARGO, Gladys. Breve trajetória da língua inglesa e do livro didático de inglês no Brasil. **VI SEPECH Seminário de Pesquisas em Ciências Humanas**, p. 1-7, 2008.

MELO, Maria de. **Inglês**. Ensino Fundamental II – Recife: Editora Formando Cidadãos, 2016.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Aulas de Inglês: Do Planejamento à Avaliação** – São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

PAIVA, Vera Lucia Menezes de Oliveira. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos** – São Paulo: Parábola editorial, 2019.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. O Ensino e Aprendizagem de Língua Estrangeira e a Questão da Autonomia, in; LIMA, Diógenes Lima Candido de. (org.). **Ensino Aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas** – São Paulo: Parábola Editorial, 2009. p. 40-46.

RODRIGUES, Daniel Fernando. Visões Sobre Ensino-Aprendizagem de Vocabulário em Aulas de ile, in; SCARAMUCCI, Matilde V.R; GATTOLIN, Sandra R.B (org). **Pesquisas Sobre Vocabulário em Língua Estrangeira**- São Paulo: mercado de letras. 2007. p. 15-35.

ROSA, Marli Aparecida. **A Relação Entre o Domínio da Língua Inglesa e Empregabilidade no Imaginário Brasileiro em Tempos de Mundialização do Capital (“Globalização”)**. 2003. 129. Universidade Estadual de Campinas - São Paulo, 2003.

SARMENTO, Simone. **Revel na Escola**: Programa Nacional do Livro Didático de Língua Estrangeira, Rio Grande do Sul, v 14, nº26. p. 20-31, 2016.

SCHMITZ, John Robert, Ensino/Aprendizagem das Quatros Habilidades Linguísticas nas Escola Pública: uma Meta Alcançável? In ; LIMA, Diógenes Lima Candido de. (org.). **Ensino Aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas** – São Paulo: Parábola Editorial, 2009. p. 13-20.

SILVA, Renato Caixeta da; PARREIRAS, Vicente Aguiar; FERNANDES, Glaucia G. Moura. Avaliação e Escolha de Livros Didáticos de Inglês a partir do PNLD: uma proposta para guiar a análise, **Linguagem & Ensino**, v. 18, n.2, p.355-377, ju/dez, 2015.